

APOSTILA DO CURSO
DE INTRODUÇÃO À
CRISTOLOGIA

Jorge Solano Garcia de Moraes

PROGRAMA DE ESTUDO

- 1 – Cristologia – que ciência é essa?
- 2 – A fonte da Cristologia: Novo Testamento – orientações sobre sua utilização
- 3 – Jesus de Nazaré: seu mundo e seu tempo – a Palestina no século 1º DC
- 4 – Jesus anuncia e realiza o Reino dos Céus
- 5 – Títulos de Jesus: Filho do Homem, Servo de Deus, Cristo
- 6 – Filho de Deus
- 7 – Os conflitos de Jesus e sua morte
- 8 – A Ressurreição e a Ascensão
- 9 – O Mistério de Jesus: A encarnação e revelação da Trindade
- 10 – Jesus na História da Salvação: da Antiga Aliança para a Nova Aliança

BIBLIOGRAFIA:

- ADAM, Karl. **O Cristo da fé**. Editora Herder.
- BATAGLIA, Oscar e outros. **Comentário ao evangelho de São Marcos**. Petrópolis : Vozes, 1978.
- BOEW, Jacques. **Jesus chamado o Cristo**. São Paulo : Paulinas.
- BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**. Petrópolis : Vozes, 1972.
- BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo/ a nossa ressurreição**. Petrópolis : Vozes.
- BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo / paixão do mundo**. Petrópolis : Vozes.
- CERFAUX, Lucien. **Jesus nas origens da tradição**. São Paulo : Paulinas, 1972.
- CHARPENTIER, Etienne. **Cristo ressuscitou** (Coleção "Cadernos Bíblicos", n. 17). São Paulo : Paulinas, 1983.
- COHN, Haim. **O julgamento e a morte de Jesus**. Rio de Janeiro : Imago. 1994. 2ª.
- COMBLIN. **Jesus de Nazaré**. Petrópolis : Vozes.
- COMBLIN. **Meditações evangélicas**. Petrópolis : Vozes.
- CROATTO, J. S. **História da Salvação**. Caxias do Sul : Paulinas, 1968.
- GALBIATI, Henrique (supervisor). **O evangelho de Jesus**. Caxias do Sul : Paulinas, 1971.
- GESCHÉ, Adolphe. **O Cristo**. São Paulo: Paulinas. 2004. (Coleção: Deus para pensar - 6)
- JEREMIAS, J. **O sermão da montanha**. São Paulo : Paulinas, 1976.
- HAIGHT, Roger. **Jesus – símbolo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- HOORNAERT, Eduardo. **Origens do cristianismo**. Brasília: Ser, 2006.
- KONINGS, Johan. **Jesus nos evangelhos sinóticos**. Petrópolis : Vozes, 1977.
- LIBANIO, J. B. **Sempre Jesus: a caminho do novo milênio**. São Paulo : Paulinas, 1998.
- MESTERS, Carlos. **A palavra de Deus na história dos homens** (1º vol.). 6ª. Petrópolis : Vozes, 1979.
- MESTERS, Carlos. **A palavra de Deus na história dos homens** (2º vol.). 4ª. Petrópolis : Vozes, 1979.
- MOSCONI, Luis. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas.
- PAIVA, R. **Jesus aqui e agora**. São Paulo : Paulinas.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar a Cristologia**. São Paulo : Paulinas, 1999.
- ROBINSON, John A. **A face humana de Deus**. Petrópolis : Vozes, 1977
- ROCHA, Fr Mateus. **Quem é este homem?** Petrópolis : Vozes.
- RUBIO, Alfonso Garcia. **O encontro com Jesus Cristo vivo**. São Paulo : Paulinas, 1994, 4ª. (Coleção Teologia do Povo)
- SCHNAKENBURG, R. e SCHIERSE. **Quem foi Jesus de Nazaré?** Petrópolis : Vozes.
- TROCMÉ, André. **Jesus Cristo e revolução não violenta**. Petrópolis : Vozes.
- VÁRIOS. **Jesus, filho de Deus?** (Revista Concilium/173 – 1982-3) Petrópolis. Vozes.

1 - CRISTOLOGIA – QUE CIÊNCIA É ESSA?

A palavra “cristologia” nos indica que se trata de um estudo de Cristo. Entretanto, é preciso entender bem o que isso significa para nós.

A **Cristologia** é uma das disciplinas da Teologia. Deste modo, como a Teologia, é um estudo diferente das outras formas de pesquisa científicas ou filosóficas. O ponto de partida da Teologia é a fé. Assim sendo, os “dados”, as informações que a Teologia trabalha são fornecidos por este compromisso pessoal e gratuito que chamamos de fé.

Mas isto não impede que se possa pensar a fé. Esse é, de fato, o esforço da Teologia: analisar, à luz da razão, os elementos de nossa fé. Para isso, a Teologia utilizará todas as informações e métodos que nos são fornecidas pelas ciências, pelas modernas reflexões filosóficas, pelos estudos lingüísticos, etc.

A Cristologia busca, então, “compreender” o mistério do Cristo a partir das fontes da fé em Jesus Cristo.

Portanto, a Cristologia não é, apenas, o estudo de Jesus enquanto homem. A este estudo podemos chamar de “Jesulogia”. A Cristologia é a reflexão sobre a fé que professamos em Jesus como Cristo, como Servo de Deus, como Filho de Deus. Assim a Cristologia deve considerar e conhecer o Jesus “histórico”, pois nossa fé se concentra num homem concreto, verdadeiro, que existiu historicamente. Mas sempre será mais que isso: será afirmar algo sobre Jesus.

“A cristologia tem por dever ser teo-logia e ântropo-logia antes de ser cristo-logia” (Gesché, p. 18). Por quê? Como você vê essa afirmação?

Conhecemos Jesus somente através de testemunhas – testemunhas que afirmavam tê-lo visto pessoalmente pregando o Reino, realizando sinais, morto e, enfim, ressuscitado. Essas testemunhas morreram por causa de seu testemunho: deram suas vidas como garantia da verdade de suas palavras. O testemunho dessas pessoas encontra-se hoje consolidado no Novo Testamento. Por isso, o Novo Testamento é a fonte fundamental para o estudo da Cristologia.

“O primeiro dever de uma cristologia não é, portanto, pensar Cristo, mas pensar o que Cristo pensou, disse e fez: não anunciar Jesus, mas anunciar quem ele anuncia” (Gesché, p. 23).

2 - O NOVO TESTAMENTO

Após a experiência da ressurreição, os discípulos de Jesus começaram a levar aos outros a mensagem de que Jesus era, de fato, o Cristo esperado e prometido por Deus. Inicialmente, a evangelização era transmitida oralmente e seu núcleo central era o anúncio: **JESUS RESSUSCITOU E FOI CONSTITUÍDO SENHOR E CRISTO.**

O Novo Testamento. Quanto aos Evangelhos, especificamente, sabemos que são o resultado de uma composição que reunia várias fontes¹ formando um texto final com a redação que conhecemos hoje. Por essa razão, às vezes, encontramos algumas diferenças nos relatos evangélicos. Por outro lado, é preciso não esquecer que os evangelhos são, sobretudo, uma reflexão teológica foi escrito em razão da necessidade pastoral e de acordo com o aprofundamento teológico da Igreja primitiva sobre o Mistério de Jesus. Deste modo, o que devemos buscar sempre é a mensagem que o texto está trazendo. Não tem sentido ler o evangelho como se fosse um livro moderno de história. O autor sagrado não estava preocupado em retratar detalhes históricos mas em revelar a pessoa de Jesus. Evidentemente, os evangelhos se referem a um fato histórico fundamental: **Jesus de Nazaré que anunciou o Reino de Deus, foi morto e ressuscitou.** Entretanto, eles são não um livro de história mas uma reflexão de fé sobre o acontecimento JESUS.

Atualmente, os estudos bíblicos já avançaram bastante a ponto de podermos identificar razoavelmente o sentido originário de cada texto, sua possível veracidade histórica e sua teologia básica. Para se realizar um sério estudo de Cristologia devemos sempre levar em conta essas pesquisas bíblicas.

Apresentamos a seguir uma cronologia aproximada dos textos do NT. Observando as datas dos escritos, percebemos que quanto mais tardios, mais desenvolvida está a reflexão teológica desses escritos. A data da destruição de Jerusalém é um marco importante pois significa que os cristãos não têm mais a comunidade mãe que era a principal referência da Igreja até o ano 70 d. C..

Acrescente-se, ainda, a seguinte observação. Das cartas paulinas (13 no NT), somente 7 cartas são hoje consideradas com certeza como escritas por Paulo. Essas cartas são: 1 Tessalonicenses, Gálatas, 1 e 2 Coríntios, Romanos, Filipenses e Filêmon. As datas das cartas que se encontram aqui seguem a datação convencional. No caso das cartas deuteropaulinas essa data será geralmente posterior à morte de Paulo (em 64 ou 67).

TEXTOS ANTERIORES À DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

ANO 50/51:²

1ª Epístola aos Tessalonicenses: escrita de Corinto

Epístola aos Filipenses : preso em Éfeso (entre 50-56); ou preso na Cesaréia (entre 56-58; ou preso em Roma (58-60).

ANO 57/58:

1ª Epístola aos Coríntios : escrita de Éfeso (por volta da Páscoa)

Epístola aos Gálatas: escrita da Macedônia

2ª Epístola aos Coríntios : escrita da Macedônia (fim do ano)

Epístola aos Romanos: escrita de Corinto.

¹ Fonte: pode ser uma história contada oralmente, um texto escrito, rascunho de palavras ditas por Jesus que o redator do evangelho conhecia e que reuniu no seu texto final.

² Segundo Crossan (apud Hoornaert, Eduardo. Origens do cristianismo, p. 151): 1 Ts, verão de 51; Gl, inverno 52-53; 1Cor inverno de 53-54; Rm, inverno 54-55.

ANO 61- 63: Paulo está em prisão domiciliar em Roma.

Epístola a Filêmon (Filêmon é um colossense)

ANO 65:

Evangelho segundo Marcos

TEXTOS POSTERIORES À DESTRUÇÃO DE JERUSALÉM
(JERUSALÉM FOI DESTRUÍDA NO ANO 70)

DEUTERO-PAULINAS:

2ª Epístola aos Tessalonicenses

Epístola aos Colossenses

Epístola aos Efésios

1ª Epístola a Timóteo: escrita da Macedônia

Epístola a Tito: escrita da Macedônia

2ª Epístola a Timóteo: Paulo estaria cativo em Roma

ANO 70-80 – Epístola de Judas

ANO 80 – 1ª Epístola de Pedro

ANO 80 – Evangelho segundo Mateus (alguns autores o colocam entre 85 a 90)

ANO 80 – 85 – Evangelho segundo Lucas (alguns autores o colocam entre 85 a 90)

ANO 80 – 90 – Atos dos Apóstolos

ANO 90 – 2ª Epístola de Pedro

ANO 90 – Epístola aos Hebreus

ANO 95 – Apocalipse

ANO 90 – 100 – Evangelho segundo João

ANO 100 – Epístola de Tiago

ANO 100 – 110 – 3ª Epístola de João

2ª Epístola de João

1ª Epístola de João

Todos esses escritos, inspirados por Deus, são a nossa fonte de “estudo” da Cristologia. Mas é importante não esquecer que todos eles – escritos muitos anos após a morte e ressurreição de Jesus – são antes mais nada o anúncio da fé em Jesus. Não são livros históricos no sentido moderno da palavra. São livros que, a partir da história e da experiência de homens históricos, revelam o mistério de Deus. Pois o que eles contam, contam à luz da ressurreição de Jesus.

3 - O TEMPO EM QUE JESUS VIVEU

3.1 O IMPÉRIO ROMANO

Jesus viveu no período que vai do ano 5 a.C. ao ano 30 d.C.. Nesta época da história, Roma domina o mundo: todos os povos e nações devem pagar imposto a Roma e estão todos invadidos por soldados romanos que mantêm a ordem, o que significa obediência dos vencidos ao Imperador.

Roma conseguia manter seu domínio não só pela força de seus exércitos mas também pela eficiente organização administrativa e política que havia construído. Essa organização tornava Roma rica às custas da exploração da riqueza de outros países. Pagar imposto a Roma era o dever mais importante para as nações colonizadas. Não pagá-lo podia significar severas punições, inclusive sua destruição.

Além da utilização da força armada, com forma de coerção, Roma procurava garantir a submissão dos seus colonizados através de mecanismos de cooptação e persuasão. Para isso, o império romano era tolerante com as práticas religiosas e culturais de todos os povos, desde que não prejudicassem o projeto dominador de Roma. Ao mesmo tempo, era promovido o culto ao Imperador (depois de morto) como deus, e a Roma como deusa. Isto não quer dizer que os imperadores se achassem, realmente, um deus, ou que os próprios romanos acreditassem nisso. Esta era, apenas, uma forma de reforçar o domínio do Império entre os dominados.

Podemos dizer que este sistema se fundamentava na ideia central da DESIGUALDADE NATURAL entre as pessoas: nobre, ricos, pobres ou escravos eram assim porque assim estava determinado pelos deuses – cada qual devia aceitar o seu destino e se submeter.

3.2 – PALESTINA

- ⇒ Área: 34 km² - Sergipe: 22.050 km²; Espírito Santo: 46.077 km²
- ⇒ População total: 600.000 habitantes.
- ⇒ População de Jerusalém: 30.000 habitantes.
- ⇒ Judeus na Diáspora: 7 milhões.

Realidade sócio-política

Desde o ano 63 antes de Cristo, a Palestina encontrava-se sob o domínio do Império Romano, tendo sido conquistada por Pompeu. Assim, a Palestina encontrava-se integrada ao grande sistema do imperialismo romano, sujeita às imposições do seu colonizador. As províncias romanas eram sempre dirigidas por procuradores. No caso da Palestina, devido a um acordo de Herodes, o Grande, que na verdade se submetia aos interesses de Roma, ele manteve o seu título de rei. Após sua morte (+ ou – 04 a.C.), a Palestina foi dividida em 3 províncias, que foram confiadas aos filhos de Herodes, o Grande:

Judéia (com Samaria e Iduméia) -> Arquelau (4 a.C. – 6 d.C.)

Galiléia (com Peréia) -> Herodes Antipas (4 a.C. – 39 d. C.)

Ituréia (com Traconítide) -> Felipe (4 a.C. – 34 d.C.)

Devido à incompetência de Arquelau, inclusive sua violência excessiva, a Judéia, a partir do ano 5/6 d.C., passa a ser governada por Procuradores Romanos.

Esses Procuradores eram os responsáveis pela manutenção da “ordem” e pela segurança do império. Seu papel era manter o sistema opressor de Roma, e tinham sob seu comando os soldados e os publicanos. Para manter a ordem não havia escrúpulos em usar a

violência, muito comum em todo o Império, com prisões, torturas, mortes e até extermínio de aldeias e cidades inteiras.

Os soldados eram normalmente mercenários, ou seja, não eram romanos de origem (embora devessem ter cidadania romana), eram de vários povos que lutavam a serviço dos romanos pelo salário e pelas presas de guerra. Os publicanos eram, em sua maioria, pessoas do próprio povo dominado que tinham a função de cobrar os impostos exigidos pelos romanos. (Mateus é um deles, e Zaqueu é chefe de publicanos).

Na Palestina, encontramos as ELITES judaicas que, embora não fossem diretamente ligadas ao Império, colaboravam com o Império e tiravam vantagens disso, principalmente os comerciantes mais poderosos e os nobres. Entre esses vamos encontrar os SADUCEUS e os ANCIÃOS.

Os saduceus eram a elite dos sacerdotes, que se apresentavam como chefes dos sacerdotes (Anás, Caifás). No meio do povo, havia grupos que questionavam a autoridade dos saduceus. De qualquer modo, eles tinham muita influência junto a vários segmentos populares. Um dos grandes negócios dessas famílias era, sem dúvida, o controle da venda de animais para sacrifício no Templo. Essa é uma das causas da revolta de Jesus no Templo: a exploração excessiva que é feita em torno de uma obrigação religiosa – seu povo está sendo roubado até mesmo na Casa de Deus (Mt 21,12-13).

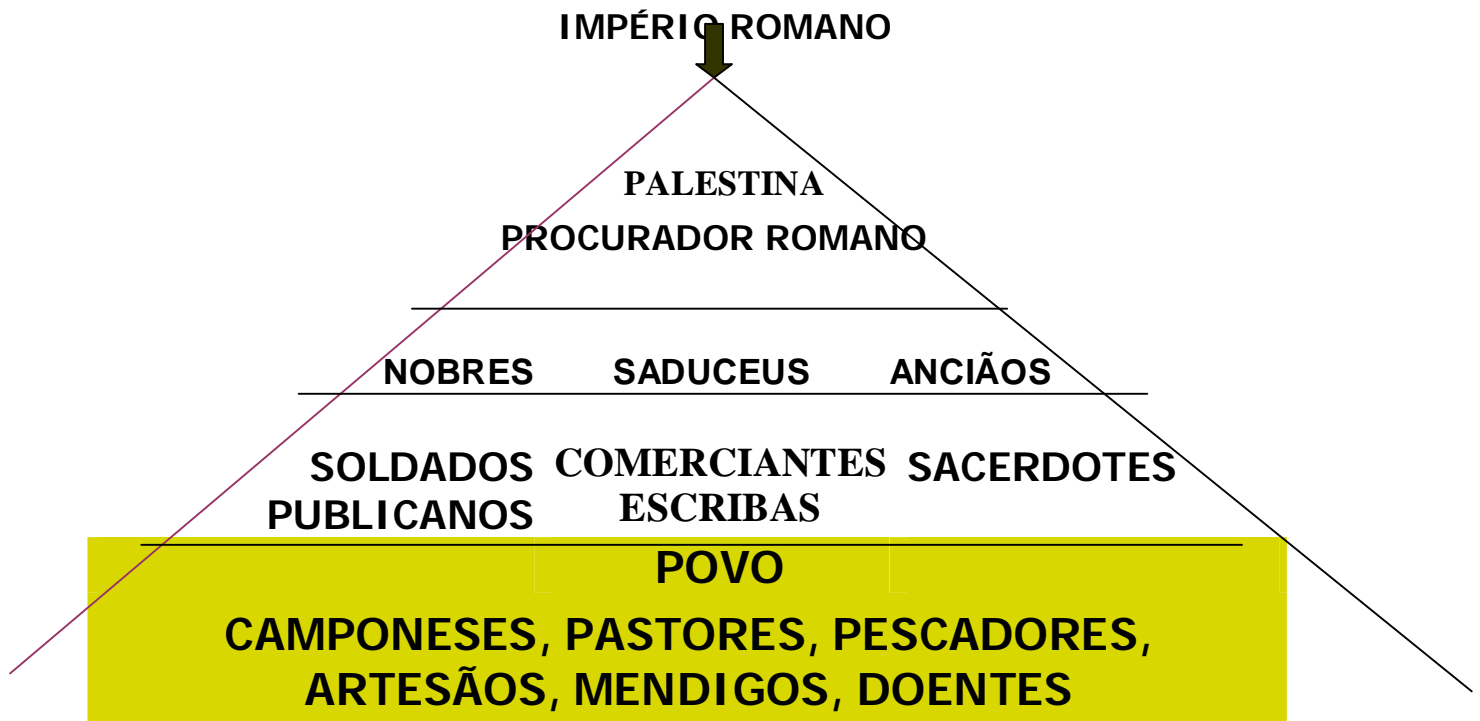
Os Anciãos (a palavra significa “idoso”, mas tem a conotação de “líder”, “pessoa respeitada”) eram membros das famílias nobres que, com este título, podiam compor o Tribunal judaico (SINÉDRIO). Eram, também, de modo geral, ricos e ligados ao comércio.

Na faixa média, estavam os pequenos comerciantes e os baixos funcionários públicos (entre estes podemos também incluir os soldados). Uma profissão muito importante no ambiente judaico era a dos ESCRIBAS. O escriba era um funcionário que sabia ler e escrever e, portanto, tinha a tarefa de redigir contratos, copiar ou escrever livros, redigir textos oficiais, atas de julgamento, etc. No povo judeu, devido à importância da Palavra de Deus escrita, eles tinham a função de transcrever os textos bíblicos, a Torá, os Profetas, e os demais escritos religiosos. Por esta razão eram bons conhecedores das Sagradas Escrituras, sendo muito respeitados entre o povo.

Os SACERDOTES, com membros existentes em todas as faixas sociais (ricos, medianos, e pobres), tinham uma função bem definida: realizar os sacrifícios trazidos pelo povo no altar do Templo. Entretanto, isso obedecia a uma escala que era controlada pelos altos sacerdotes. Do ponto de vista ideológico, alguns se alinhavam com os Saduceus.

A base da organização social judaica era composta pelo que, comumente, chamamos de POVO, o que realmente sofria as consequências da pressão externa (a opressão romana) e da pressão interna (a exploração dos poderosos de seu país). A situação de pobreza era muito grande. Esse povo era formado por camponeses, pastores, pescadores, artesãos – carpinteiros, oleiros, etc. – e um grande número de doentes inutilizados para o trabalho (cegos, coxos, leprosos).

A vida era dura: o trabalho rendia pouco, a violência e o roubo eram constantes, o medo permanente de não poder pagar os impostos e de ser massacrado pelos soldados, a fome e a miséria crescendo. Este povo vivia em constante tensão. Vivia também numa expectativa muito grande sobre a promessa de libertação que Deus lhe tinha feito. Diversos movimentos e rebeliões surgiam no meio do povo a cada instante. A cada rebelião, o povo assistia a mais repressão e a violentos massacres que atingiam não só os membros da rebelião mas também muita gente que não havia participado dela.



OS PARTIDOS POLÍTICO-RELIGIOSOS

Entre os judeus havia alguns grupos (vamos chamá-los de “partidos”) que tinham algumas ideias e propostas religiosas e políticas.

SADUCEUS: sendo o grupo dirigente dos sacerdotes, formavam, também, um grupo político-religioso. A influência dos saduceus fazia com que eles tivessem alguns seguidores de suas ideias. Algumas delas:

- Só aceitavam como Palavra de Deus, a Torá (equivalente ao nosso Pentateuco);
- Defendiam que saúde, riqueza, bem-estar, eram a recompensa de Deus aos seus fiéis;
- Não aceitavam a ressurreição;
- Quanto à dominação romana, mantinham uma atitude passiva e procuravam tirar o maior proveito possível da situação. (A nomeação do Sumo Sacerdote – sempre um dos saduceus – dependia da aprovação do Procurador Romano).

FARISEUS: o grupo mais importante no tempo de Jesus. Era formado em sua maioria por escribas, alguns sacerdotes, e outros. Suas ideias fundamentais:

- Aceitavam como Palavra de Deus, além da Torá (Pentateuco), os Profetas e outros Escritos;
- Aceitavam a Tradição oral como fonte de verdade sobre a fé;
- Acreditavam na ressurreição dos mortos;

- Acreditavam que para se salvar era preciso cumprir rigorosamente todos os detalhes da Lei de Deus (Torá). Tinham um certo desprezo pelo povo analfabeto que, não podendo ler as Escrituras, não teria condições de alcançar a salvação.
- Afirmavam que era preciso seguir as tradições dos antepassados.

Eles influíam muito na mentalidade popular, sendo uma espécie de orientador espiritual, moral e legal da população. Com seu escrúpulo excessivo, sobrecarregavam a consciência do povo de obrigações legais (isso foi censurado por Jesus que os acusa de esquecer a obrigação principal que é a misericórdia e compaixão).

Frente à dominação romana, os fariseus mantinham uma posição de indiferença. Não concordavam com aquela dominação estrangeira, mas evitavam tomar qualquer posicionamento político claro e aconselhavam que o povo se resignasse.

ZELOTES: (A palavra “zelote” só surgiu no ano 60 DC, aqui usamos esse termo para indicar os grupos revolucionários do tempo de Jesus) grupo constituído por homens que desejavam ansiosamente a libertação prometida por Deus. Entretanto, pensavam que sua esperança devia ser acompanhada de ação. Deste modo, se constituíam em grupo armado de guerrilheiros/terroristas combatendo os inimigos em todas as ocasiões que pudessem. Suas ideias:

- Salvação significava, concretamente, libertação da opressão romana e da opressão dos poderosos de sua terra (saduceus, nobres, anciãos corruptos, etc.);
- O Messias estava próximo e seria o grande líder que os conduziria à vitória contra os romanos e restauraria o Reino de Israel.

Com estas ideias, viviam atrás de um Messias que correspondesse a suas expectativas e, enquanto isso, tentavam eliminar os inimigos do povo realizando atentados contra autoridades, contra entreguistas, e preparando emboscadas contra soldados.

No tempo de Jesus, eram chamados de SICÁRIOS (nome derivado da palavra “sica” = um tipo de punhal curvo).

Entre os apóstolos temos Simão, chamado Zelote (zeloso). Talvez Judas Iscariotes (= sicário?) também pertencesse a esse grupo.

HERODIANOS: assim eram chamados os soldados e os partidários de Herodes. Seu pensamento resumia-se em defender que Herodes era o legítimo herdeiro do trono de Israel e que, no momento oportuno, isso aconteceria. Eram, claramente, colaboradores de Roma por oportunismo político, visando à preservação do espaço político de Herodes.

ESSÊNIOS: essa palavra nunca aparece nos evangelhos, mas eles influenciaram muito a linguagem dos evangelistas, sobretudo o evangelho segundo João. Tinham uma influência razoável em algumas áreas do povo judeu, embora eles mesmos não se propusessem a divulgar suas ideias. Na verdade, viviam isolados, às margens do rio Jordão, e se chamavam de “Comunidade de Nova Aliança”. Partilhavam todas as suas coisas, trabalhavam coletivamente, praticavam o batismo (banhos rituais) com frequência. Suas ideias:

- Haverá um Messias enviado por Deus que será o Servo de Deus, Sacerdote, Profeta e Rei;
- Toda a organização da sociedade estava errada;
- Os sacerdotes eram usurpadores do sacerdócio;
- Os saduceus tinham assassinado os verdadeiros sumos sacerdotes e tomado seu lugar;

- O Messias quando viesse destruiria toda aquela sociedade e realizaria uma Nova Aliança;
- Só os filhos da luz (os essênios) participariam da Nova Aliança.

Os essênios viviam em verdadeira pobreza, tinham tudo em comum. Alguns deles, inclusive, haviam optado pelo celibato.

Há indicações de que João Batista teria sofrido forte influência dos essênios, assim como o evangelho segundo João.

Foi essa a realidade que Jesus conheceu. Num lugar perdido desse mundo, num canto pobre de uma pequena nação oprimida Jesus nasceu. Jesus – um judeu pobre, numa aldeia pobre.

Para esse mundo violento, duro, opressor, faminto e doente, Jesus traz uma mensagem. Ela será para muitos, para o povo, para os pobres, um incêndio de esperança e uma resposta a sua angústia. Para outros, para os bem sucedidos do mundo, para os que se adaptaram à ordem existente, esta mensagem aparecerá como uma ameaça. Mas tanto uns quanto outros custarão a entender o alcance do que Jesus queria dizer.

Uns custarão a entender que o que Jesus anuncia supera a limitada esperança deles. Outros não perceberão que não adianta calar o homem – sua voz ressoaria desafiando todos os impérios do mundo. Por isso ele pôde dizer: **“Eu venci o mundo” (Jo 16,33).**

4 - O REINO DOS CÉUS

A Palestina, há muitos séculos dominada por povos estrangeiros, vivia um tempo de grande tensão e expectativa. Deus prometera desde Abraão – promessa recordada e reafirmada pelos profetas – que Seu Povo veria a salvação, vivendo na paz e na justiça. No meio do povo havia uma ansiedade muito grande para que essa salvação acontecesse o mais rápido possível.

Leia a oração-profecia de Zacarias que reflete essa expectativa: Lc 1,67-79.

O nome para essa nova realidade, em que viveriam livres, em paz e na justiça, era REINO DOS CÉUS (“malkut shamaim”), ou REINO DE DEUS³.

A pregação de Jesus é chamada de “EVANGELHO”. A palavra “evangelho” significa “boa notícia”. Ela indicava sempre uma notícia boa e importante como, por exemplo, quando o mensageiro trazia a notícia da vitória do povo contra os inimigos, o que significava a paz para o povo.

Os evangelhos são, portanto, evangelho **de Jesus Cristo**, ou seja, ele é o mensageiro que anuncia a vitória e a paz para o povo. Mateus, Marcos, Lucas e João (os evangelistas) são apenas os intermediários desta feliz notícia trazida por Jesus.

Logo no início do Evangelho segundo Marcos encontramos (Mc 1,14-15):

A expressão “Reino de Deus” tem uma longa história no Antigo Testamento que vai desembocar no tempo de Jesus significando a restauração do Reino de Israel.

O povo, que conhecia a promessa de Deus a Abraão de que sua descendência se tornaria uma grande nação e seria sinal para todos os outros, não podia aceitar essa situação de nação oprimida. Copie Gn 12,1-3:

O povo de Deus sabia que seu Deus era um Deus que queria ver seu povo livre. Deus sempre ouviria o clamor de seu povo contra a escravidão. Copie Ex 3, 7-8:

³ É bom lembrar que “Céus” não significa “outro mundo” ou “realidade extraterrestre”. Essa expressão é uma forma respeitosa de dizer “DEUS”, equivale a “ALTÍSSIMO”.

O SURGIMENTO DO REINADO NO AT: DEUS É O REI

Após a libertação do Egito, quando Israel se instala na Terra Prometida, não havia rei, pois **SÓ JAVÉ É REI**.

Entre os anos 1150 a 1000 antes de Cristo, aproximadamente, que corresponde ao tempo dos Juízes, as tribos de Israel viviam de forma independente umas das outras. Não havia rei que governasse sobre elas e que as unisse. Os juízes, em sua maioria, eram líderes que, durante certo período, exerciam a função de governo de uma ou de algumas tribos – nunca de todas elas. Mas, em hipótese alguma, ousariam se chamar de rei. O único caso que encontramos no livro dos Juízes é o de Abimelec, que pretendia ser reconhecido como rei (Jz 9), que acabou sendo “punido” por sua pretensão. Leia o lindo apólogo de Jz 9,7-15. Que mensagem você pode extrair desse apólogo?

Entretanto, o isolamento das tribos era um problema sério para Israel, pois isto as enfraquecia perante os outros povos vizinhos, fazendo com que quase sempre algumas tribos se tornassem dominadas por alguns desses povos. Desse modo, a necessidade de ter um rei foi crescendo na consciência do povo de Deus. Quando Samuel, juiz e profeta, está velho, a pressão popular pela constituição de um rei cresce mais ainda. Leia 1 Sm 8 e responda:

1. Qual a reação de Samuel quando o povo lhe pede um rei? Por que ele reage assim?
2. O que Deus manda Samuel fazer?
3. Quais os direitos do rei na fala de Samuel?
4. Por que o povo insiste em querer um rei?

O problema, para Samuel, era o fato de que, em todos os povos antigos, os reis eram tratados como se fossem deuses e filhos de deuses. O poder dos reis era absoluto sobre os bens e as vidas das pessoas e não existia nada acima deles. Assim sendo, o princípio teológico “SÓ JAVÉ É REI” era uma garantia de que as leis divinas sempre seriam a norma única e principal do povo. Para Samuel, ter um rei significava, de alguma forma, trair Javé, abandonar a fidelidade a Deus.

Mas o próprio Deus o inspirou para que aceitasse a reivindicação do povo. Assim Israel passará a ter, como todos os outros povos, um rei.

Entretanto, diferentemente dos outros povos, seu rei não terá os poderes absolutos dos monarcas. Na verdade ele será subordinado à Palavra de Deus. Esta subordinação está representada na cerimônia da **Unção: é o profeta – porta-voz da Palavra divina - que unge o rei**. Assim Samuel unge Saul (Sm 10,1) e, mais tarde, unge Davi (Sm 16,1-13).

O rei será então, apenas, um executor da vontade do Rei único e verdadeiro – Javé. Sua autoridade só terá valor se ele cumprir com fidelidade sua missão: unir o povo, manter a liberdade e a paz, estabelecer a justiça. Se o rei se desviar de seu caminho, o profeta tem o direito e o dever de denunciá-lo, alertá-lo, criticá-lo. E os profetas farão isso muitas vezes durante a caminhada histórica do povo de Deus – e estarão cumprindo sua missão. Por outro lado, os reis, desviando-se de sua missão, tentarão silenciar os profetas.

Assim, na profunda consciência de fé de Israel permaneceu a convicção de que, de verdade mesmo, SÓ JAVÉ É REI. Isso se expressava nas suas orações como os Salmos⁴ que nos falam de Deus como Rei e de seu Reino.

- **85** – Oração pela paz e pela justiça – mostra a esperança do povo de Deus em retornar à sua terra (estavam no exílio) e viver numa sociedade de amor, verdade, justiça e paz.
- **95** – Invitatório – recitado durante procissões (provavelmente na Festa das Tendões), fala de Deus como Rei, Senhor do Universo, e que o povo pertence a Deus, lembrando o pecado do povo no deserto.
- **96** – Javé, rei e juiz – Toda a terra é convidada a reconhecer a grandeza da salvação de Deus.
- **97** – Javé triunfante – fala do poder de Deus, que é o vencedor e que vai estabelecer sua Justiça, pois “Justiça e Direito sustentam o seu Trono”.
- **98** – O juiz da terra – Deus vem julgar a terra.
- **99** – Deus é rei justo e santo – Deus é o rei, “a força de um rei é amar o Direito”.
- **101** – O espelho dos príncipes – apresenta como deve ser um rei, de acordo com a lei de Deus. Leia este salmo. Escreva as qualidades que um rei deve ter:

- **146** – Hino ao Deus que socorre – Javé é o Deus que protege os mais fracos, que faz justiça aos oprimidos. É que reina para sempre!

O Reino de Deus é, portanto, PAZ + FELICIDADE + LIBERDADE = SALVAÇÃO.

No Segundo e Terceiro Isaías⁵, encontramos refletida a esperança do povo na vinda do Reino de Deus.

Is 52,7-12 - fala exatamente do portador do evangelho – aquele que anuncia a paz – dizendo: “Deus reina em Sião”. Ele fala da ordem que o povo recebe de partir – partir com dignidade, não como fugitivo – da terra do exílio sob a proteção de Deus. Anote os versículos que mais lhe chamam a atenção:

Is 61,1-9 - o profeta ungido pelo Senhor evangeliza os pobres, realçando a esperança de libertação e salvação que Deus dará a seu povo. Escreva os versículos que estão transcritos no evangelho:

⁴ A numeração dos Salmos que apresentamos segue a numeração da Bíblia hebraica (que encontramos nas traduções “A Bíblia de Jerusalém” e a “Bíblia Pastoral” da Ed. Paulus). A numeração grega (traduções da “Ave Maria”, da “Paulinas – Pe. Mattos Soares” e outras) apresenta uma unidade a menos entre os Salmos 10 e 148.

⁵ Chamamos de Segundo e Terceiro Isaías os textos do livro de Isaías escritos durante e após o Exílio babilônico. Pertencem ao Segundo Isaías os capítulos 40 a 55 de Isaías. Ao Terceiro pertencem os capítulos 56 a 66.

Em que Evangelho se encontram as palavras que você copiou?

O Reinado foi extinto, na história do povo de Deus, com a derrota do Reino de Judá para a Babilônia. Desde essa época, vai crescendo a esperança pela restauração desse Reino. Como vimos nos Salmos e no profeta Isaías a ideia de Reino de Deus vai cada vez mais se firmando. À medida que os séculos passam – e que o povo sofre novas humilhações e opressões – esta esperança cresce mais e mais.

Assim, quando Jesus chega e anuncia: “O Reino de Deus chegou”, ele responde a uma esperança alimentada há muitos séculos no coração do povo.

Lc 4,16-21- leia e sinta a força, a comoção que aqueles ouvintes sentiram quando Jesus começa a dizer: “Hoje se cumpriu...”.

De fato, toda mensagem de Jesus se resume a isto: “O Reino de Deus chegou”. Tudo na sua vida está voltado para esta ideia central: O Reino chegou. Sua pregação, seus milagres e suas atitudes são sempre para revelar o mistério do Reino e para mostrar que ele já chegou.

A PREGAÇÃO

Vamos aqui, evidentemente, só dar algumas indicações:

1. As Parábolas

A parábola é sempre uma comparação: de uma experiência simples da vida, Jesus tira um ensinamento sobre o Reino. Todas dizem, basicamente, o seguinte:

- O Reino já chegou, ele está aí, mesmo que não seja muito visível;
- É gratuito, é um dom de Deus;
- O Reino tem uma força própria, caminha na história apesar de todos os contratempos;
- Não se mede por critérios humanos de aparência, de força, de inteligência, de habilidade.

Leia as parábolas do Reino em Lc 13,6-9.18-30 e em Mt 13,1-51.

2. **O Sermão da Montanha** (Mt 5–7) – vamos falar dele porque é um texto que tenta organizar os discursos de Jesus – conforme o esquema de Mateus – que apresenta uma visão geral sobre o comportamento dos seguidores de Cristo. É o texto mais utilizado quando se quer falar de vivência dos valores evangélicos. No evangelho de Mateus este discurso, que começa com as bem-aventuranças, é uma compilação⁶ de falas de Jesus. O paralelo deste Sermão está em Lc 6,20-49 que não acontece numa montanha mas numa planície. Mateus localizou este Sermão na montanha para fazer um paralelo entre Jesus e Moisés. Como Moisés recebeu a Lei de Deus numa montanha assim Jesus transmite a nova Lei – a Lei do Reino – de uma montanha.

- 5, 1-12 – Os cidadãos do Reino;
- 5, 13-16 – Testemunhas do Reino;
- 5, 17-48 – A Lei no Reino;
- 6, 1-34 – Nova postura no Reino;
- 7,1-23 – Conselhos diversos;
- 7, 24 –29 – Conclusão

“A multidão ficou impressionada ...Ele falava como quem tinha autoridade ...”

⁶ Compilação = composição com vários discursos ou citações de momentos diferentes
Jorge Solano

OS MILAGRES

Nos evangelhos, os milagres de Jesus são chamados por três palavras:

- “*dynamis*” = ação poderosa, ato de poder
- “*érgon*” = obra;
- “*sêmeion*” = sinal.

Assim, os evangelistas não utilizam a palavra grega que significa “ação maravilhosa”, “milagre” (em grego: “*teras*”).

Os milagres são sinais, isto quer dizer que eles não são para exibição do poder divino de Jesus. Sua função é demonstrar que, de fato, o Reino de Deus já está presente, já é uma realidade.

- São inseparáveis da mensagem: Lc 7,18-23;
- Não servem para quem não crê: Mt 12,39; Lc 11,29-30
- Não podem ser exigidos: Mc 8,11.

AS ATITUDES

Por suas atitudes de cada dia, Jesus revela o Reino – não apenas por suas palavras e seus milagres. Seu modo de ser, sua humanidade, sua compreensão, sua liberdade, sua coragem revelam aos que convivem com ele o que significa, para Jesus, viver o Reino de Deus já.

- Come com os pecadores: Lc 19,1-9;
- Acolhe as crianças: Mc 10,13-16
- Cura no Sábado: Lc 6,1ss
- Convive com pobres e pecadores: Lc 7,36-50.

CONCLUSÃO

A esperança no Reino de Deus, Reino de Javé, Reino dos Céus era algo muito forte e vivo no povo de Deus. Os judeus, no tempo de Jesus, após séculos de opressão, sofrimento e miséria aguardavam este acontecimento: o GRANDE DIA, DIA DO JULGAMENTO DE JAVÉ. Neste DIA, se realizaria o Reino de Deus. Evidentemente, cada um, cada grupo, cada segmento social tinha uma ideia própria do que seria, de como seria o Reino de Deus. Mas, para a grande maioria, o Reino de Deus era algo bastante concreto – era sua libertação das opressões políticas e explorações econômicas. O Reino de Deus era pão para todos, era a salvação dos pobres, era a cura das doenças, era a liberdade para os oprimidos, era o fim das prisões injustas. Entretanto, a visão judaica do Reino de Deus era extremamente nacionalista, quer dizer: o Reino de Deus seria a libertação, salvação que Deus ia trazer para o seu povo, vencendo e humilhando os inimigos e os infiéis. Dessa forma, a vinda do Reino de Deus significava para os pecadores, para os que não cumpriam a Lei, para os publicanos, para as prostitutas CONDENAÇÃO. Só os que conheciam e cumpriam rigorosamente a Lei de Deus (Torá) teriam direito de participar da Lei de Deus.

Ao dizer que o Reino de Deus chegou, Jesus está dizendo a todos que a HORA dessa libertação já começou. Mas, na mensagem de Jesus o Reino de Deus é muito mais que uma libertação de ordem apenas política e econômica. Jesus está tentando ensinar que o Reino já começa hoje com a valorização do homem – que deve ser livre, digno, saudável e respeitado. O Reino de Deus começa pela ação e pelo compromisso de cada um em transformar este mundo num mundo de fraternidade e amor.

Mas o Reino não se esgota aí. O Reino é muito mais que isso. O Reino é VIDA – a Vida que vem do Pai. Entretanto, os seguidores de Jesus só entenderão isso mais tarde, após a Ressurreição.

Assim, a mensagem do Reino que Jesus traz é muito diferente da concepção que corria entre os judeus:

- **O Reino é salvação e perdão:** ao invés de condenação, o Reino de Deus vem para transformar o homem, dando uma nova chance a todos os homens. Por isso, Jesus insiste tanto em que ele vem, primeiramente, para os pecadores.
- **O Reino é gratuito:** Jesus anuncia que o Reino é um dom do Pai, é um presente, que não é conquistado pelos méritos de cada um (como pensavam os fariseus). O que devemos e podemos fazer é nos abrir humildemente ao Reino.
- **O Reino é uma ação soberana de Deus:** Deus é quem faz o Reino acontecer por seu próprio poder, não está ao alcance do homem fazer o Reino acontecer. Ao homem compete colaborar com ação de Deus.
- **O Reino já começou:** Jesus ensina que o Reino de Deus já começou, já está no meio de nós, ainda em forma embrionária, como uma semente, mas já é uma realidade presente.
- **O Reino é um acontecimento escatológico⁷:** Jesus deixa claro que o Reino acontecerá em plenitude no fim dos tempos, de uma forma que só o Pai conhece. Ou seja, o Reino já está no meio de nós, mas ainda não plenamente.

PROCURE NOS EVANGELHOS TEXTOS ONDE JESUS MOSTRA ESSAS CARACTERÍSTICAS DO REINO.

⁷ Escatológico – que se refere ao fim dos tempos.
Jorge Solano

5 - QUEM É JESUS? OS TÍTULOS DE JESUS

5. 1 – QUEM É ESSE HOMEM?

Anunciando o Reino de Deus, de algum modo, Jesus responde a uma expectativa presente no povo de Deus. Como vimos, Jesus anuncia o Reino por suas palavras, seus milagres, seu comportamento – todo seu modo de ser revela o Reino.

De fato, sua personalidade impressiona fortemente as pessoas com quem ele convive e para quem ele fala. “Ele falava com autoridade, não como os escribas.” (Mt 7,28). Jesus é o Reino de Deus em pessoa.

Numa sociedade cheia de preconceitos, de divisões, de medos e superstições, Jesus aparece como um homem verdadeiramente livre.

- ❖ As crianças são postas de lado, mas Jesus as acolhe. E, mais que isso, invertendo o velho preconceito de que os adultos é que são modelo para as crianças, ele diz que todos devem aprender com elas, se quiserem chegar ao Reino.
- ❖ Trata as multidões, os doentes, os velhos com carinho, impondo a mão sobre eles e os curando. Seus milagres não eram para demonstrar seu poder – essa não era sua intenção. Os milagres eram sinais do Reino e a demonstração concreta, visível do amor e do interesse de Jesus pelo povo, por aquela gente necessitada e doente. O doente era considerado como pecador e, em alguns casos, era afastado da família e do convívio social. Sendo o doente considerado impuro, não se tocava nele. Jesus, ao contrário, toca nos doentes: nos ouvidos do surdo, nos olhos do cego e no leproso. Jesus não tem medo nem nojo de gente. Com seus gestos ensina que, em cada doente, existe um ser humano pedindo respeito e calor humano. É esse o **sentido profundo de cada milagre: a pessoa redescobrir seu valor, sua dignidade, sentir que é amado e, assim, poder se CONVERTER – mudar o significado de sua vida.** Por isso, cada milagre é o Reino de Deus acontecendo.
- ❖ Jesus se relaciona livremente com as pessoas: aceita os almoços dos fariseus do mesmo modo que aceita os almoços dos publicanos. Embora os fariseus censurem Jesus, ele não muda seu modo de ser:
 - Lc 9,1-10 – o caso Zaqueu. Qual a diferença entre o comportamento de Jesus e dos conterrâneos de Zaqueu?
 - Jo 8,1-11 – o caso da mulher adúltera. Que características da personalidade de Jesus nos mostram esta cena?
 - Lc 7,36-50 – a mulher pecadora. “... aquele a quem pouco foi perdoado mostra pouco amor.” Qual o significado dessa frase no contexto em que Jesus se encontrava? E para nós, hoje?
 - Apesar de seus atritos com os fariseus e das várias vezes em que os denuncia severamente, não se afasta deles. Frequentemente, almoça na casa deles e responde a seus questionamentos mesmo sabendo que, às vezes, eram perguntas maliciosas.

Livre dos esquemas sociais, religiosos e políticos, a preocupação de Jesus é dar a cada pessoa uma chance de se encontrar. Não fica intimidado com o que podem dizer dele. Jesus é um judeu que segue as leis de seu povo, mas não é escravo delas. Mais importante que as leis é seu interesse pelas pessoas e ele se sente livre para não cumpri-las quando, a sua frente, há alguém para ser ajudado.

O povo vai percebendo que Jesus, um homem do povo como eles, tem algo diferente. Ele falava com autoridade, mas não aquela autoridade dos escribas ou dos sacerdotes. Era uma autoridade que brotava de dentro dele. Uma autoridade que se mostrava tanto na atenção que Jesus dava a todos quanto na seriedade das exigências que fazia para os que quisessem segui-lo e participar do Reino – conversão, dedicação radical ao Reino, coragem e amor real a Deus e ao próximo (Lc 18,18-30), solidariedade e atenção aos necessitados (Mt 25,31-46), amor e perdão aos inimigos (Mt 5,43-48), enfim, todo o desafio que significa viver os valores evangélicos que vemos descritos no Sermão da Montanha (Mt 5; 6; 7).

Assim, surge aos poucos entre os discípulos e no meio do povo a questão: Afinal, quem é esse homem?

No Novo Testamento, há uma série de títulos referidos a Jesus: mestre (rabi), profeta, etc. Vamos refletir, aqui, sobre 4 títulos – os mais importantes dos evangelhos: CRISTO, SERVO, FILHO DO HOMEM, FILHO DE DEUS.

5.2 – O CRISTO

MESSIAS **“MASHIHA”** **“CHRISTÓS”** **UNGIDO**

A palavra “**messias**” (*mashiha*), traduzida para o grego como “**cristo**” (*christós*), significa “**ungido**”. Este termo indica a pessoa que recebeu uma Unção, ou seja, que foi consagrado a Deus numa cerimônia em que se passava óleo na cabeça do escolhido. Um caso bíblico especial de unção é o da unção do profeta Eliseu pelo profeta Elias (I Rs 19, 15-16). Entretanto, os profetas não costumavam ser ungidos pois cada um deles era uma vocação pessoal de Deus. A unção era um ritual específico de sagração dos reis. Já vimos no estudo sobre o “Reino dos Céus”, como Israel passa a ter um rei ungido pelo profeta. O primeiro ungido foi Saul (1 Sm 9,27-10,1). Mais tarde, é ungido Davi (1 Sm 16,12-13). Um sinal do respeito sagrado ao ungido do Senhor encontramos em 1 Sm 26, 7-11. Que palavras indicam o respeito de Davi pelo ungido de Deus?

A missão do rei consistia, resumidamente, em:

- ❖ Manter a UNIÃO do povo;
- ❖ Garantir a LIBERDADE;
- ❖ Praticar a JUSTIÇA = defender os pobres, os fracos, os órfãos, as viúvas.

Medite o Salmo 2. O que nos diz a respeito do Messias?

Que frase desse Salmo é referida a Jesus no evangelho? Cite o evangelho.

Releia os Salmos citados no capítulo sobre o “Reino dos Céus”.
Leia os seguintes Salmos messiânicos: 2; 20; 89; 71.

Concluindo: **MESSIAS, CRISTO, UNGIDO** INDICA O REI DE ISRAEL. Este uso era tão comum que Messias era, praticamente, sinônimo de Rei. A esperança messiânica era, na verdade, a esperança de que o povo voltaria a ter um Rei. E, como vimos anteriormente, a esperança messiânica significava a esperança no acontecimento do Reino de Deus.

* * *

JESUS – O CRISTO

Por suas palavras e suas ações, Jesus é visto, por alguns, como o possível Messias prometido por Deus através dos profetas e esperado pelo povo.

BATISMO – Mt 3, 13-17 (par.)⁸

O Batismo de Jesus corresponde à sua unção/consagração messiânica, ocorrendo no início de sua missão. Lembremos que o Messias devia ser ungido e que Davi fora ungido pelo profeta Samuel. A voz que vem do céu: “Eis meu filho...” é como um eco dos Salmos 2 e 89 (principalmente nos versículos 27 e seguinte).

UM MILAGRE FUNDAMENTAL: multiplicação dos pães.

Este é o único milagre narrado nos quatro Evangelhos.

Mc 6,32-44; Mt 14,13-21; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15

Uma das tarefas do Messias – rei libertador – seria cuidar dos pobres, dando-lhes alimento. Este milagre é um sinal tipicamente messiânico. Por isso o Evangelho segundo João comenta que, após a multiplicação dos pães, a multidão queria proclamá-lo rei.

A CONFISSÃO DE PEDRO

Os evangelhos sinóticos⁹ nos relatam a cena em que Jesus indaga seus discípulos a respeito do que eles pensam a respeito de Jesus. O evangelho mais antigo – Marcos – coloca na boca de Pedro: “Tu és o Cristo”. Esta terá sido, provavelmente, a resposta efetivamente dada por Pedro que correspondia à expectativa messiânica dos discípulos de Jesus. O evangelho segundo Mateus, que tem uma preocupação eclesial¹⁰ bastante evidente, apresenta a resposta que já reflete a fé amadurecida e proclamada explicitamente pela Igreja, sendo Pedro nesta cena colocado como o intérprete e representante desta fé: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. O evangelho segundo Lucas – utilizando como fontes Mt e Mc – sintetiza as duas confissões e Pedro proclama: “Tu és o Cristo de Deus”. Este é, sem dúvida, o momento mais explícito em que Jesus é chamado de Cristo nos evangelhos.

Leia Mc 8,27-33; Mt 16,13-20; Lc 9,18-21. Quais as diferenças e semelhanças entre esses textos? Por que Jesus proíbe os discípulos de divulgar que ele era o messias?

⁸ Par. – significa “paralelos”, indica os textos que se referem à mesma cena em outros evangelhos. Geralmente, vêm citados nas margens das Bíblias.

⁹ “Sinóticos” são os evangelhos Mc, Mt, Lc, pois eles apresentam a missão de Jesus numa mesma perspectiva: Jesus começa a pregação na Galiléia, desenvolve sua pregação e seus milagres caminhando rumo a Jerusalém, chegando a Jerusalém é preso, condenado e morto.

¹⁰ O evangelho segundo Mateus tem como uma de suas características a construção de uma eclesiologia, isto é, acentua em vários momentos a importância da formação de uma comunidade com a tarefa de prosseguir o trabalho de evangelização por mandato de Jesus.

Encontramos também uma afirmação explícita do próprio Jesus à samaritana (Jo 4,25). Mas sabemos que o evangelho segundo João lança as bases da reflexão teológica sobre Jesus. Desse modo, essa afirmação da samaritana já reflete a formulação mais amadurecida da Igreja, que está anunciando Jesus como Messias.

Podemos presumir que cresceu significativamente entre o povo judeu – ou em alguns grupos – a crença de que Jesus poderia ser o Messias, um homem enviado por Deus para libertar o povo de toda opressão, aquele guerreiro que viria liderar um exército de libertação nacional. Mas, do ponto de vista judaico, a morte de Jesus foi uma grande decepção. O Messias, em hipótese alguma, poderia morrer como Jesus morreu.

5.3 – O SERVO

A expressão “Servo de Javé”, “Servo de Deus”, refere-se no Antigo Testamento a várias personagens: Moisés (Dt 34,5), Abraão, Davi, Isaac, Jacó, Elias, sacerdotes. Até mesmo Nabucodonosor, em determinada circunstância é chamado de servo de Deus. Entretanto, o título servo de Deus é, principalmente, dirigido ao Povo de Deus.

Entretanto, a ideia de Servo de Deus aplicada a Jesus no Novo Testamento é retirada essencialmente do profeta Isaías. Há no livro de Isaías quatro poemas chamados de “Cantos do Servo de Javé”. Esses cantos descrevem a missão e o comportamento do Servo. Não sabemos, exatamente, a quem o profeta se referia. Podia ser a alguém em particular – como o próprio profeta, por exemplo – que, por sua fidelidade a Deus suportava toda sorte de sofrimento e perseguição. Podia ser o próprio povo que, na época do exílio, sofria perseguição e zombaria de seus inimigos. De qualquer modo, este era um texto profético conhecido. Leia alguns trechos desses cantos:

- ❖ Is 42,1-9
- ❖ Is 49,1-6
- ❖ Is 50, 4-11
- ❖ Is 52,13-53,12
- ❖ Sl 22 (É um salmo que resume os *Cantos do Servo*)

CARACTERÍSTICAS DO SERVO DE JAVÉ

- **VOCACIONADO, ELEITO E SUSTENTADO POR DEUS:** Is 42,1; 49, 1.3.5.7;
- **CONFIANÇA ABSOLUTA EM DEUS:** Is 49,4; 50,7-8;
- **OBEDIÊNCIA:** Is 50,4-5;
- **MANSIDÃO:** Is 42,2-3;
- **FIRMEZA:** Is 42,4; 49,2;
- **PORTADOR DE LIBERTAÇÃO DE CONSOLO:** Is 42,2-7; 50,4^a;
- **SOFRIMENTO ASSUMIDO CONSCIENTEMENTE:** Is 50,6; 53,7.10-12;
- **SACRIFÍCIO EXPIATÓRIO EM SUBSTITUIÇÃO:** Is 53,4-6.10.12.

* * *

JESUS - O SERVO DE DEUS

Jesus não teve nenhuma preocupação especial em se definir ou se qualificar usando qualquer das imagens ou representações que eram usadas no seu tempo, a não ser a expressão “Filho do Homem”, no sentido que veremos adiante.

Entretanto, ele apresenta de forma muito clara sua MISSÃO COMO UM SERVIÇO. Os evangelhos revelam a cada passo que Jesus veio para servir.

Vimos que Jesus evitou ser chamado de Cristo. Provavelmente, também não usou para si o nome de “Servo de Javé”. Mas ficou tão evidente que ele viveu sua missão como um serviço que seus discípulos, após a ressurreição, entenderam a semelhança que havia entre o Servo de Javé descrito por Isaías e a missão de Jesus.

Já no Batismo, ao mesmo tempo em que se dá o início da missão messiânica de Jesus, vemos também sua identificação com o servo de Javé. **O MESSIANISMO DE JESUS É UM MESSIANISMO DE SERVIÇO.**

Leia Mc 1,10 e compare com Is 42,1.

O relato das tentações de Jesus (Mt 4,1-11; Lc 4,1-13) nos apresenta, principalmente, que a grande tentação consiste em querer libertar/salvar os outros por um caminho diferente do serviço. O diabo (aquele que divide) quer afastar Jesus do **messianismo de serviço**.

Vejamos algumas referências explícitas aos *Cantos do Servo* presentes nos evangelhos.

Lc 4,16 ss – O texto lido de Isaías (*Is 61,1-2*) não é, geralmente, considerado um *Canto do Servo*. Nesse texto de Isaías, fala-se um **ungido pelo Espírito do Senhor** que tem uma ação que corresponde ao Messias: libertar, salvar, atender aos pobres. Essa missão se aproxima do Servo enquanto este também deve ser um que traz a salvação e a consolação aos mais fracos.

Lc 22,2; Lc 22,37 – outra citação do *Canto do Servo* (*Is 53,12*).

Mt 12,18-21- cita *Canto do Servo* (*Is 42,1-4*).

Mesmo em textos que não se referem explicitamente aos *Cantos do Servo*, a ideia de serviço sempre está presente. Assim em Mt 11,29; Mc 10,43 ss.; Jo 13,1 (cena do lava-pés); Jo 15,13 (maior amor = **dar a vida**).

SACRIFÍCIO EM SUBSTITUIÇÃO: A característica mais impressionante do Servo de Javé é a realização de sacrifício/sofrimento pelos outros. Assim a comunidade cristã primitiva rapidamente aplicou a Jesus essa ideia presente no 4º *Canto do Servo* (*Is 52,13 – 53,12*).

O sofrimento de Jesus foi entendido como o sacrifício do Servo de Deus, que assume conscientemente esse sofrimento, **por causa do pecado dos outros** e **por todos**. Em Mt 20,28 (e par.), é da boca do próprio Jesus que os discípulos ouvem que ele veio para “*servir e dar sua vida em resgate de muitos*”.

Paulo recorda aos coríntios o que recebera e lhes havia transmitido: “*Cristo morreu por nossos pecados*” (1 Cor 15,3).

Assim, Jesus é, em seu sentido mais completo, o Servo de Deus: aquele que levou seu serviço ao limite supremo de dar sua vida para a libertação dos outros.

E não esqueçamos que nos *Cantos do Servo*, este também é glorificado como aconteceu com Jesus por sua ressurreição. **Procure nos *Cantos do Servo* os versículos que falam dessa vitória e glorificação do Servo.**

5.4 – FILHO DO HOMEM

No Antigo Testamento, a expressão “Filho do Homem” significa geralmente, ser humano – filho de Adão (“*ben adam*”, em hebraico; “*bar nasha*”, em aramaico). Neste sentido, indica a fragilidade, a pequenez, a limitação do homem. No livro do profeta Ezequiel, Deus se dirige ao profeta chamando-o de “filho do homem” (87 vezes).

Leia o Salmo 8 – o que fala este salmo a respeito do ser humano?
--

No Salmo 80,18 a expressão “filho do homem” refere-se ao rei de Israel.

Entretanto, o sentido dessa expressão que nos interessa é o que ganhou importância na história do povo de Israel. É o significado dessas palavras no capítulo 7 do livro Daniel. Este livro pertence ao que designamos como **gênero apocalíptico**¹¹.

No capítulo 7, Daniel tem a “visão” de quatro animais. Esses animais representam os impérios violentos, **selvagens**, que oprimiam o povo de Deus¹². Ao final vê uma figura como que um filho do homem (portanto, um ser humano, diferentemente dos outros seres).

O Filho do Homem representa o próprio Povo de Deus que reinará sobre os outros povos, conforme a explicação que se encontra em Dn 7,27. Mais tarde, na tradição judaica, essa imagem foi aplicada ao Messias.

O reino do Filho do Homem – enfim, um reino humano diferente e oposto aos reinos selvagens – é o reino querido e realizado por Deus (o Ancião). É o Reino de Deus.

A imagem do Filho do Homem tornou-se uma imagem muito forte, simbolizando o juízo divino e definitivo sobre a História, identificando-se o Filho do Homem com alguém que seria o executor da justiça divina.

Enfim, este significado de “Filho do Homem” é o que permanece na memória do povo de Deus como o sentido mais importante. Falar em Filho do Homem é falar do Juízo divino, da Justiça de Deus sobre a História dos homens.

Leia o capítulo 7. Que versículos falam do poder do Filho do Homem?

* * *

JESUS – O FILHO DO HOMEM

Para falar de si mesmo, Jesus usa quase sempre a expressão “Filho do Homem”. Já vimos o que ela significava em Daniel. Escreva aqui qual o sentido dessa expressão em Dn 7:

¹¹ O gênero apocalíptico se caracteriza pela apresentação da mensagem profética na forma de uma VISÃO. Nesta maneira de escrever o profeta usa muitos simbolismos: números, imagens de animais, chifres, estrelas, terremotos, etc. Portanto, não se deve entender a visão “ao pé da letra”, mas buscar o significado por trás da visão.

¹² Os reinos representados são: Babilônia, Medos, Persas, Alexandre (os dez chifres são os reis Selêucidas). No tempo do Império Romano, o judaísmo interpreta o 4º reino como sendo o próprio Império Romano.

É este o sentido que Jesus está usando nas suas falas. Assim, o Filho do Homem é referido nas situações:

❖ **PODER DO FILHO DO HOMEM:**

- DE PERDOAR: Mc 2,10;
- SOBRE O SÁBADO: Mc 2,28;
- DE FAZER AMIGOS: Mt 11,19
- DE SER INDEPENDENTE: Mt 8,20.

❖ **JUÍZO FINAL:**

- Mc 8,38; Mc 13,26; Mc 14,62
- Jo 9, 35-39;
- Mt 24,27.37.39.44

❖ **SOFRIMENTO E RESSURREIÇÃO:**

- Mc 8,31; Mc 9,31; Mc 10,33

Vemos que Jesus, ao empregar o título de Filho do Homem, utiliza, como em Daniel, no sentido e poder e julgamento. Mas Jesus dá uma **característica nova** ao Filho do Homem que é a do sofrimento, a de dar a vida e a de servir.

6 - JESUS – O FILHO DE DEUS

NO ANTIGO TESTAMENTO

A expressão “filho de Deus”, no Antigo Testamento, indica:

- ❖ **Anjo:** Dt 32,8; Jó 1,6; Sl 29,1; Sl 89,7.
- ❖ **Povo de Deus:**
 - Ex 4,22; Os 11,1; Jr 3,19 – referem-se ao povo como um todo.
 - Dt 14,1; Os 2,1; Is 1,2; Jr 3,14; Is 63,8 – referem-se aos membros do povo (filhos de Deus).
- ❖ **Rei:** 2 Sm 7,11-15; Sl 89,27; Sl 2,7. Mas a expressão “filho de Deus” não era usada comumente para se referir ao Messias para evitar o risco do que acontecia no Egito em que os faraós eram considerados filhos dos deuses.
 - O Sl 2 foi, provavelmente, um salmo usado na cerimônia de unção do rei, ocasião em que Deus adotaria o ungido (messias) como seu filho, conforme a promessa constante em 2 Sm 7,14.
 - O Sl 89 foi escrito já no fim do Reino de Judá, quando a dinastia de Davi começa a decair e se torna visível seu fim. O salmista recorda a promessa divina de 2 Sm 7,11-15, demonstrando sua confiança no poder e na fidelidade de Deus.

NO NOVO TESTAMENTO

Não podemos esquecer que a redação dos evangelhos já reflete a fé da Igreja em Jesus como Filho de Deus. Deste modo, embora a expressão pudesse ter, na boca dos contemporâneos de Jesus um significado mais comum (que Jesus é um homem santo), no uso da Igreja iniciante passa a ter seu sentido pleno. Alguns textos são claramente “construções teológicas”¹³.

Jesus é chamado de Filho de Deus:

<p>Mateus: 11 vezes Marcos: 7 vezes Lucas: 9 vezes</p>
--

<p>Atos dos Apóstolos: 2 vezes Epístolas João: 17 vezes Epístolas de Paulo: 18 vezes</p>
--

Jesus NUNCA se chama Filho de Deus nos evangelhos sinóticos.

No evangelho segundo João ele se diz Filho de Deus 6 (seis) vezes.

Jesus se chama “O Filho” em:

<p>Mt 11,25-27; 24,36; 28,19 Lc 10,21-22 Mc 13,32 Jo – 14 vezes Mc 12,1-12</p>
--

¹³ Construção teológica = um fato ou cena relatado onde o mais importante não é sua veracidade histórica mas o seu significado teológico.

A condição divina de Jesus se revela, conforme os evangelhos:

1. POR SUAS AÇÕES

- Vence Satanás: Mc 3,27
- Domina a natureza: Mc 6,45-52 (e paralelos); Mt 8,23-27 (par.)¹⁴
- Perdoa pecados: Mc 2,1-12 (par.)
- “Aperfeiçoa” a Lei: Mt 5 e 6; Mc 10,1 ss
- Fala com autoridade: Mc 1,21; Mt 7,29

* * *

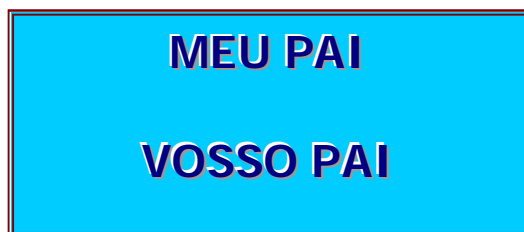
Entre algumas cenas especiais dos evangelhos vale a pena refletir esta que nos apresenta Jesus conversando com Moisés e Elias.

A TRANSFIGURAÇÃO – Mt 15,1-9 ss (par.).

Leia Ex 34,29-35 e 1 Rs 19,8-18. De quem falam estes textos? Que experiência estes homens viveram?

A cena da Transfiguração quer ensinar que Jesus é a realização de todas as promessas divinas e o centro da História da Salvação. Moisés representa a Lei. Elias representa os Profetas¹⁵. Os dois conversam com Jesus, que é, portanto, o ponto de referência deles e de toda a Palavra de Deus.

2. POR SUA FORMA DE RELAÇÃO COM O PAI



Jesus, em diversos momentos, deixa transparecer uma intimidade e proximidade com Deus muito particular e especial. Esta forma de relacionamento se apresenta de maneira tão espontânea que não poderia ter sido criada pelos evangelistas – estaria fora de seu alcance imaginar ou inventar algo tão pessoal.

¹⁴ “Par.” = forma de sugerir a leitura dos textos paralelos ao texto citado. Nas Bíblias, geralmente, aparece, em baixo do título da cena, a indicação d a cena semelhante nos outros evangelhos.

¹⁵ A Bíblia judaica consistia em “A Lei e os Profetas”.

Por outro lado, em várias ocasiões, Jesus, que sempre trata a Deus por "Pai", ao falar da relação dos discípulos e da sua relação com Deus usa "vosso Pai" e "meu Pai". Nunca diz "nosso Pai", a não ser quando ensina o "Pai-nosso" que é uma oração para os discípulos.

Vejam alguns textos:

Mt 10,28-32; 12,50; 18,19.35; 20,23

Mc 14,36 (compare com Rm 8,15; Gl 4,6

Lc 10,21-22; 22,42; 23,44

Jo 5,36.37.43; 6,40.44; 8,19.27.41; 10,15.17.25; 11,41s; 12, 26ss; 14,9ss; Última Ceia em Jo: 15; 16; 17; Após ressurreição: Jo 20,17.21.

Após ler Lc 23,44, leia o Salmo 31 – note que Jesus substitui o nome Javé (Senhor) pela expressão Pai

Meditamos sobre a aplicação e uso da expressão "Filho de Deus" nos evangelhos. Os evangelhos nos mostram que Jesus em sua vida terrena já se revelava como Deus. Mas não devemos esquecer que a compreensão e a fé no mistério divino de Jesus só são possíveis à luz da RESSURREIÇÃO.

7 - OS CONFLITOS DE JESUS

Medite o Salmo 22

A esperança messiânica continuava muito viva no meio do povo judeu. Seria Jesus o Messias tão esperado? Seria ele o Messias destinado a libertar o povo de toda opressão e exploração?

Em diversas ocasiões, Jesus realizara e dissera coisas que o encaixavam na esperança messiânica popular, pois parece, por certas passagens dos evangelhos, que Jesus se apresentava mesmo como o Messias político e revolucionário.

Jesus pretende organizar uma rebelião contra os romanos e os poderosos? Jesus é o líder de um movimento libertador?

Vamos olhar alguns textos dos evangelhos, mostrando comportamentos de Jesus relacionados com a questão política da época e a postura de Jesus.

JESUS NO ATAQUE

1. Alerta e prepara o espírito de seus seguidores para o conflito: Mt 10,34s; Lc 12,49-53;
2. Prega a subversão da ordem vigente:
 - 2.1. não pagar impostos: Lc 23,2
 - 2.2. critica as autoridades: Mt 20,25(= Lc 22,25); Mc 12,1-12 (os vinhateiros homicidas)
 - 2.3. critica fariseus: Mt 23
 - 2.4. critica Herodes: Lc 13,31-33
 - 2.5. critica os ricos: Lc 6,24-26
3. Expulsa vendedores do Templo: Jo 2,13-17 (e par.)
4. Pretende ter poder: Jo 19,12; Lc 23,2.
5. Seriam seus seguidores, homens subversivos, ligados aos grupos revolucionários da época? Estão referidas aqui algumas hipóteses apresentadas por estudiosos a esse respeito. Embora elas sejam muito discutíveis, não se deve excluir a possibilidade de que alguns dos seguidores de Jesus (mesmo que não seus apóstolos) pertencessem ou simpatizassem com os movimentos de libertação existentes na época. Assim, nos evangelhos vemos alguns indícios interessantes:
 - 5.1. Simão Pedro andava com uma espada sob a túnica, como um sicário: Jo 18,10.
 - 5.2. Simão Zelote, por seu apelido, podia ser membro do temido grupo guerrilheiro: Mt 10,3 (Entretanto, o termo “zelote” só surgiu após o ano 60 DC)
 - 5.3. Tiago e João são chamados “filhos do Trovão”, por seu comportamento agressivo: Mc 3,17; Lc 9,51-54¹⁶.
 - 5.4. Judas Iscariotes, talvez fosse membro dos sicários (*iscariote* seria a palavra *sicário* com algumas mudanças de sons para disfarçar a origem subversiva desse apóstolo. Outro sentido possível para esse nome: indicar a cidade de origem de Judas: Cariot. Nesse caso Iscariotes significaria homem (ish) de Cariot).
6. Ganha popularidade e liderança: Mc 1,27; Mc 11,18; Jo 6,15; Jo 7,25-52; 12,10s.19
7. As pessoas começam a tomar posição a seu respeito – a favor ou contra: Jo 7,43; 9,16; 10,19.

OS INIMIGOS CONTRA-ATACAM

O crescimento da liderança de Jesus faz com que as autoridades e os diferentes grupos religiosos e políticos ataquem Jesus:

Exigem “atestado de boa conduta”: Mc 7,5; 2,16.18.24.

Tentam jogar o povo contra Jesus, difamando-o: Mc 3,22; Jo 7,20.

¹⁶ Todos os discípulos de Jesus são galileus (talvez, com exceção de Judas Iscariotes) e os galileus eram conhecidos como revolucionários teimosos.

Fazem perguntas capciosas: Mc 12,13-23 (o tributo a César); Jo 8,2-11 (mulher adúltera)

Expulsam-no da sinagoga: Jo 9,22

Tentam prendê-lo: Jo 7,30-32.44-52; 10,39.

Tentam apedrejá-lo: Jo 8,59; 10,31.

Planejam liquidá-lo: Mc 3,6; Jo 5,18; 11,49s.

Quando os inimigos de Jesus percebem que é urgente eliminar Jesus, espalham a notícia de que estão procurando alguém para delatar o paradeiro de Jesus: Jo 11,57.

JESUS SABE SE DEFENDER

Jesus busca se livrar das armadilhas e ameaças de seus inimigos, demonstrando conhecimento dos riscos de sua missão e que não pretende se entregar facilmente:

1. Some no meio do povo: Jo 8,59; 10,31-42 (conferir Lc 4,30).
2. Evita território inimigo: Jo 4,1-3
3. Sobe incógnito para Jerusalém: Jo 7,2-15
4. Retira-se para a Peréia após um confronto pesado com seus adversários: Jo 10,39-40.
5. Sabendo da decisão do Sinédrio para prendê-lo e eliminá-lo vai para Efraim, próximo ao deserto, estrategicamente bem localizada para uma fuga de emergência: Jo 12,36.
6. Passa as noites fora de Jerusalém ou no Monte das Oliveiras: Mc 11,11.19; Lc 21,37; Jo 18,2.

JESUS, AOS POUCOS, TOMA CONSCIÊNCIA DE SEU FIM VIOLENTO.

Jesus vai, ao longo de sua missão evangelizadora, tomando consciência dos diversos aspectos desta missão. Sem dúvida, a partir de certo momento, começa a se tornar claro para ele que sua palavra seria rejeitada e que ele mesmo seria eliminado.

Essa consciência sobre o desfecho violento de sua missão é explicitada pela primeira vez após a “confissão de Pedro”, quando Jesus começa a preparar os discípulos para a sua prisão e morte. Assim encontramos em Mc 8,31-33 e par. o primeiro anúncio da paixão. De acordo com os relatos de Mc e Mt, Jesus estava na Cesaréia de Filipe quando ocorre a “confissão” (o reconhecimento de que Jesus é o Messias) e o anúncio de seu sofrimento. Em todos os evangelhos, é após a multiplicação dos pães que Jesus começa a falar de sua prisão e morte. O evangelho segundo João, no capítulo 6, relata a multiplicação dos pães e o desencontro entre a expectativa das pessoas e a consciência de Jesus (Jo 6,26.36.41.60.64.66). A partir daí, mais freqüentemente Jesus falará de sua morte: em Mc 9,31 e 10,32-34 (e par.) encontramos o segundo e o terceiro anúncios da paixão.

Um texto evangélico que é considerado um dos *ditos* autênticos de Jesus é o de Lc 12,50: “*Tenho de receber um batismo e como me angustio até que ele aconteça*”.

A situação em volta de Jesus foi se tornando muito tensa. Entre os que o seguiam crescia a expectativa quanto ao projeto messiânico de Jesus. Provavelmente se questionavam: “*será que Jesus vai mesmo assumir a liderança de uma revolução para libertar Israel?*” Ao mesmo tempo aumentava contra ele o rancor dos inimigos: os poderosos em geral, os Anciãos, os escribas, os fariseus, os herodianos. Por diferentes razões, cada grupo queria se ver livre de Jesus. Tinham consciência do perigo que Jesus representava para eles e para seus projetos políticos ou pessoais. O medo de uma intervenção romana – um ataque punitivo de Roma, sempre muito violento – justificava, para eles, a eliminação de Jesus. Leia Jo 11,49 (a fala de Caifás).

Na celebração da Páscoa em Jerusalém a situação chega ao seu limite e Jesus acaba preso pelas autoridades, traído por um dos amigos, negado por outro, abandonado por todos.

PRISÃO E MORTE DE JESUS

Os evangelhos sinóticos, em sua estrutura simplificada, contam que, à medida que Jesus se aproxima de Jerusalém, os conflitos com as autoridades crescem cada vez mais. Há várias diferenças entre os evangelhos na apresentação desses momentos finais da vida terrena de Jesus. Diferenças sobre a forma como foi preso, sobre o seu julgamento e sobre o que disse na cruz antes de morrer. Estas diferenças são objeto de muito estudo e discussão entre os especialistas. Aqui o que nos interessa é o que aconteceu substancialmente: *Jesus foi preso pelos romanos com conhecimento ou apoio das autoridades judaicas; foi interrogado pelos Anciãos, sacerdotes e escribas; foi entregue aos romanos e foi condenado por eles sob a acusação de se apresentar como Rei dos judeus; sua pena foi a morte por crucificação.*

Vamos acompanhar a PAIXÃO segundo o evangelho de Marcos.

ENTRADA EM JERUSALÉM: Mc 11,1-11 > Uma manifestação popular de apoio a Jesus e reconhecimento de que ele é o Messias.

EXPULSÃO DOS VENDEDORES DO TEMPO: Mc 11,15-19 (Em João, isto acontece na primeira ida de Jesus a Jerusalém: Jo 2,13-19) > Ação de força contra a exploração comercial cujos principais responsáveis eram os sacerdotes.

PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS: Mc 12,1-12 > Crítica às autoridades, principalmente às autoridades religiosas.

IMPOSTO A CÉSAR: Mc 12,13-17 > Discute com fariseus e herodianos.

SOBRE A RESSURREIÇÃO: Mc 12,18-27 > Discute com saduceus.

O MAIOR MANDAMENTO: Mc 12,28-34 > Elogia um escriba.

O MESSIAS: Mc 12,35-37 > Questiona os escribas.

HIPOCRISIA DOS ESCRIBAS: Mc 12,38-40 > Critica severamente os escribas

DISCURSO ESCATOLÓGICO: Mc 13 > Usando linguagem apocalíptica, fala da derrocada de todas as estruturas sociais e políticas existentes. Observe que ele começou falando da falsa aparência de beleza e segurança do Templo.

CONSPIRAÇÃO CONTRA JESUS: Mc 14,1-2 > Autoridades planejam prender Jesus.

REFEIÇÃO EM BETÂNIA: Mc 14,3-9 > Jesus mostra consciência de sua “partida”.

TRAIÇÃO DE JUDAS: Mc 14,10-11 > Combinação com os sumos-sacerdotes.

A CEIA: Mc 14,12-25 > Jesus fala de sua “entrega”

NO MONTE DAS OLIVEIRAS: Mc 14,26-42 > Jesus prepara seus discípulos e se prepara para sua HORA.

PRISÃO DE JESUS: Mc 14,43-51 > Judas ENTREGA Jesus aos guardas.

JESUS NA CASA DE CAIFÁS: Mc 14,53-72 > O interrogatório das testemunhas não leva a conclusão definitiva¹⁷. Interrogado diretamente Jesus confirma ser o Messias. Sua “blasfêmia”¹⁸, contudo, consiste em se apresentar como o Filho do Homem. Como sacerdotes e escribas sabiam, o Filho do Homem é o Senhor e o Juiz da História, ou seja, Jesus estaria se arrogando poderes divinos.

JESUS PERANTE PILATOS: Mc 15,1-15 > Os sumos-sacerdotes e escribas ENTREGAM Jesus a Pilatos¹⁹. Tendo confessado ser o Rei dos Judeus, Jesus é condenado à

¹⁷ O Sinédrio era composto por 71 membros, sendo o quorum para decidir (em algumas questões) de 23 membros. A reunião de todo o Sinédrio era, normalmente, para casos muito especiais e de interesse geral do povo judeu. Os julgamentos, conforme a Lei (=Toráh), deveriam ser sempre realizados e encerrados durante o dia (nunca à noite). Para qualquer condenação era necessária a concordância de duas testemunhas. Não tinha valor a confissão do acusado como prova contra ele. Deste modo, a tendência hoje é entender que, realmente, não houve um julgamento de Jesus pelo Sinédrio, mas apenas um interrogatório.

¹⁸ A blasfêmia consistia, precisamente, em pronunciar o nome sagrado e secreto de Deus – JAVÉ. A penalidade para este pecado era a pena de morte por apedrejamento.

¹⁹ Conforme vários historiadores, Pilatos foi um governante cruel e sem escrúpulos. Portanto, o escrúpulo dele com relação a Jesus não combina com seu caráter.

morte. Pilatos ENTREGA Jesus para ser crucificado. A crucificação era uma condenação típica para criminosos políticos. Para os judeus representava a mais completa maldição divina.

MORTE DE JESUS: Mc 15,1-41 > Jesus, após torturado, é conduzido até o Calvário, onde é crucificado.

SEPULTURA: Mc 15,42-47.

Assim, terminou para os discípulos, para os pobres, para uma parte do povo mais um sonho. Aquele Jesus, tão humano, tão atencioso, tão poderoso em palavras e obras que até parecia um Messias, estava finalmente enterrado.

JESUS BEM QUE PODIA TER SIDO O MESSIAS!

JESUS – O MESSIAS!

QUE SONHO!

QUE SONHO?

Mas Jesus morreu. Crucificaram Jesus.

Para todos aqueles que haviam acreditado em Jesus, que haviam achado que Jesus era o Messias, sua morte causou um impacto muito grande. Era o fim de um lindo sonho de liberdade, de paz, de justiça. Amedrontados e assustados, muitos discípulos começaram a voltar para casa. Alguns seguidores mais próximos de Jesus se esconderam com medo de serem também presos e eliminados.

Jesus morreu. A esperança acabou. O homem que melhor encarnava as promessas de realização do Reino de Deus, o homem que melhor apresentava a imagem de um verdadeiro Messias, estava morto.

Em quem mais se poderia esperar?

Entre as diferenças nos relatos dos evangelhos estão as famosas “sete palavras” que Jesus pronunciou na cruz. Procure-as nos evangelhos.

Localização	A FRASE

8 - A RESSURREIÇÃO DE JESUS

8.1 – OS TESTEMUNHOS DA RESSURREIÇÃO

Estudando o Novo Testamento, podemos dividir as informações sobre a Ressurreição de Jesus em dois grupos.

O primeiro grupo é composto pelos textos sobre a Ressurreição que encontramos nas Epístolas e nos resumos das pregações apostólicas que se encontram no livro dos Atos dos Apóstolos. Esses textos são os mais antigos que relatam a Ressurreição e são mais simples e objetivos em sua maneira de descrever a Ressurreição. Eles são dos seguintes tipos:

- A) **QUERIGMA (KÉRIGMA):** 1 Cor 15,3-6 – Paulo resume sua pregação apostólica que era, na verdade, a pregação desenvolvida por todos os apóstolos: “*Jesus morreu, conforme as Escrituras, e ressuscitou, conforme as Escrituras*”. Este era o anúncio, a propaganda central dos apóstolos. A seguir, nos versículos 6 a 8, Paulo enumera as aparições de Jesus aos apóstolos e discípulos que são testemunhas visuais de que Jesus ressuscitou.

Leia o capítulo 15 da 1ª Epístola aos Coríntios e responda:

- 1- Que questão Paulo está procurando esclarecer neste capítulo?
2- Como é a ressurreição?

- B) **PROFISSÃO DE FÉ:** são trechos que aparecem nas Epístolas que foram tirados das antigas profissões de fé da comunidade cristã: Rom 4,24s; Rom 10,8-10; Gal 1,1-4; 1 Ts 1,10; 1 Ts 4,14; 2 Tm 2,8; 1 Pd 3,18.
- C) **PEDAÇOS DE HINOS E ORAÇÕES:** Ef 5,14; Flp 2,6-11; 1 Tim 3,16.
- D) **CATEQUESE APOSTÓLICA:** são os discursos dos apóstolos que encontramos no livro dos Atos dos Apóstolos.

O segundo grupo é composto pelos textos dos evangelhos juntamente com o capítulo 1 dos Atos dos Apóstolos. Estes textos são mais recentes (depois do ano 65 DC) e já mostram a reflexão teológica e catequética da Igreja a respeito da Ressurreição.

MARCOS 16

Os estudos bíblicos nos indicam que o evangelho segundo Marcos, originariamente, terminava no versículo 8 do capítulo 16, ou seja, quando é encontrado o túmulo vazio e o anjo anuncia que Jesus ressuscitou e que espera os discípulos na Galiléia.

Considerando o objetivo da redação dos evangelhos, pode-se dizer que seria lógico o evangelho terminar exatamente nesta cena do túmulo vazio.

Como sabemos, dentro do objetivo catequético, o evangelho visava “relatar” a pregação, a vida e a morte de Jesus, pois a Ressurreição já era conhecida. Ela era o primeiro fato que era ensinado às pessoas. Assim, a curiosidade delas era sobre a vida terrena de Jesus. Portanto, era natural que o evangelho só narrasse a história até o momento da morte.

Mais tarde, por razões catequéticas, foram acrescentados os versículos seguintes:

Mc 16,9-11 – Aparição a Maria Madalena;

Mc 16,12-13 – Aparição a dois discípulos;

Mc 16,14-18 – Aparição aos Onze: missão e poder;

Mc 16,9-19 – Ascensão.

8.2 - A RESSURREIÇÃO COMO UM FATO

O encontro com Jesus Ressuscitado não foi uma alucinação ou visão subjetiva mas um acontecimento que causou grande impacto sobre os discípulos. Homens práticos, interessados em coisas concretas, não eram do tipo de ficar acreditando em visões ou aparições. O que eles esperavam de Jesus eram coisas bem concretas como liberdade política e melhoria de suas condições econômicas. Se não tivessem ocorrido os encontros com o Cristo Ressuscitado, Jesus teria sido esquecido como mais uma decepção política, mais um fracasso na sua esperança messiânica.

Contudo, um dia, aqueles homens rudes, analfabetos, sem muitas ilusões e fantasias reaparecem em público contando uma história incrível, absurda: *Jesus ressuscitou! Ele está vivo! Nós vimos!*

Esta notícia, eles comprovam com dois fatos: o túmulo vazio e as aparições. O primeiro fato – o sepulcro vazio – qualquer um podia conferir e confirmar. E as explicações podiam ser várias (*roubaram o corpo*). O outro fato – as aparições – é conhecido somente através daqueles que foram suas testemunhas. A fé da Igreja repousa sobre a credibilidade que estas testemunhas têm – testemunhas que deram suas vidas em defesa desta afirmação: “*Jesus ressuscitou – nós vimos*”.

A experiência do encontro com Jesus ressuscitado provocou uma reviravolta na história dos discípulos e na história do mundo. Para os discípulos, a Ressurreição significou uma mudança radical na compreensão que tinham da pessoa de Jesus. A Ressurreição ilumina toda a pregação de Jesus, todos os acontecimentos de sua vida e, sobretudo, sua morte. Suas palavras passam a ser compreendidas de novo modo: são as palavras do próprio Filho de Deus. Os discípulos começam a entender que Jesus é o Messias/Cristo num sentido muito mais profundo e radical: é o Cristo que liberta o homem não só das opressões sociais e políticas mas de toda forma de mal e da própria morte.

Os discípulos entendem, também, que com a Ressurreição de Jesus, começou o fim dos tempos – a história humana já possui as condições de sua plenitude: “*O tempo está completo*” (Mc 1,15), como dissera o próprio Jesus. Mas só agora os discípulos podem entender, inteiramente, o sentido desta frase.

8.3 – O QUE É A RESSURREIÇÃO

A ressurreição não é, apenas, a **revivificação ou revitalização** de um cadáver, isto é, não é somente a volta à vida de um morto como aconteceu com Lázaro. **A Ressurreição é uma transformação, transfiguração.** Foi isto que aconteceu com Jesus após a morte: seu SER (CORPO/ALMA/ESPÍRITO) é transformado de modo a chegar à perfeição de sua

humanidade. Jesus Ressuscitado é o **HOMEM NOVO**, é a humanidade em sua perfeição máxima.

O Ressuscitado é Jesus de Nazaré mesmo, inteiro, completo mas transfigurado. Por isso não é possível descrever com as palavras que conhecemos como é este corpo ressuscitado. São Paulo o chama de "*corpo espiritual*". (1 Cor 15,35-44)

A Ressurreição de Jesus revelou a intimidade da pessoa de Jesus: Ele é o **MESSIAS**, o **FILHO DO HOMEM**, o **SENHOR DO UNIVERSO**, a **PALAVRA ETERNA DE DEUS**.

A Ressurreição de Jesus revelou, também, o sentido da vida humana: o homem é chamado a participar da Ressurreição junto com Jesus. Jesus foi o primeiro da nova vida, Jesus é o novo Adão, o início da nova humanidade.

8.4 - OS RELATOS EVANGÉLICOS: SUAS DIFERENÇAS

MATEUS 28

- 1-8: Túmulo vazio e anúncio do anjo
- 8-10: Aparição às mulheres
- 11-15: Suborno dos soldados
- 16-20: Aparição aos discípulos no monte da Galiléia

LUCAS 24

- 1-8: Túmulo vazio e anúncio do anjo
- 9-11: Mulheres anunciam, apóstolos não crêem
- 12: Pedro vê túmulo vazio
- 13-35: Discípulos de Emaús
- 50-53: Ascensão
- At 1: Ascensão

JOÃO 20-21

- 1-9: Túmulo vazio, Maria Madalena avisa a Pedro
- 11-18: Aparição a Maria Madalena
- 19-28: Aparição aos discípulos com e sem Tomé
- 30-31: Conclusão
- 1-23: Aparição à beira do Mar de Tiberíades
- 24-25: Conclusão

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS: escrito após Marcos, tem como características: a apresentação da aparição de Jesus no monte da Galiléia, que o anjo havia anunciado em Marcos, e a história do suborno dos soldados.

EVANGELHO SEGUNDO LUCAS: Juntamente com Atos dos Apóstolos, preocupa-se em esclarecer as informações sobre a Ressurreição de Jesus.

EVANGELHO SEGUNDO JOÃO: busca responder a algumas questões colocados no seu tempo (final do século primeiro), principalmente sobre a corporeidade de Jesus Ressuscitado, isto é, que a Ressurreição não é apenas para a alma, mas para o corpo.

As narrativas das aparições de Jesus apresentam algumas diferenças importantes entre elas.

1. Jerusalém ou Galiléia?

Em Mc e Mt, os discípulos devem ir para a Galiléia, onde Jesus os precederia, para encontrá-lo. Em Lc, eles devem permanecer em Jerusalém e a Ascensão acontece em Betânia (aldeia próxima de Jerusalém).

Hoje, os estudiosos pensam que o mais provável é que as aparições de Jesus tenham ocorrido na Galiléia e que as aparições em Jerusalém foram uma transposição das aparições da Galiléia. Sabemos que Lc trabalha com um esquema em que Jerusalém é o centro da

verdadeira fé, é a Cidade Santa. É de Jerusalém que, segundo Lc, deve vir a mensagem de salvação para o mundo inteiro. Por essa razão, Lc concentra em Jerusalém as aparições de Jesus.

Jesus manifestou-se, de diversos modos, em diferentes lugares, deixando claro para os discípulos que estava vivo. Os relatos das aparições foram organizados com um sentido catequético, confirmando a realidade das aparições de Jesus mas sem a preocupação de fornecer detalhes históricos ou geográficos sobre estas aparições.

2. O Corpo de Jesus

Lc e Jo têm uma preocupação com a comprovação de que Jesus ressuscitado possui um corpo, o que não aparece em Mt e Mc, nem nos textos mais antigos das Epístolas e de Atos. Isto aconteceu porque os evangelhos de Lc e Jo precisavam dar uma resposta à concepção grega de que o homem era dividido em alma e corpo. No pensamento dos gregos, o corpo era uma prisão para a alma e, quando o corpo morresse, a alma se libertaria vivendo para sempre. Lc e Jo acentuam, então, o lado corporal da Ressurreição para deixar bem claro que a Ressurreição é a restauração, a salvação do homem todo, não apenas de uma parte ou de uma dimensão da realidade humana.

3. Ascensão

Em Lc 24,51 e Jo 20,17 é dado a entender que a Ascensão aconteceu no mesmo dia da Ressurreição. Mt, Mc e At 1 indicam que a Ascensão aconteceu dias após a Ressurreição.

A imagem da Ascensão (=subida) significa e simboliza o fato de que Jesus foi GLORIFICADO, ou seja, O HOMEM JESUS FOI ASSUMIDO NA GLÓRIA DO PAI COMO FILHO DE DEUS. Esta imagem da Ascensão é, portanto, uma forma de visualização catequética para o entendimento sobre este fato fundamental da fé: JESUS DE NAZARÉ VIVE NA GLÓRIA DE DEUS. Desse modo, independente de ter acontecido ou não uma subida de Jesus ao céu como foi escrito em At 1, o fato é que JESUS RESSUSCITADO JÁ É JESUS GLORIFICADO. Isto quer dizer que não aconteceu primeiro a Ressurreição e depois a Ascensão, no sentido de entrada de Jesus na Glória de Deus. Se aconteceu a Ascensão da maneira descrita em At 1, foi como uma demonstração visual de Jesus a seus discípulos de sua Glorificação divina e também um sinal claro de que Ele não continuaria a aparecer e que eles não tornariam a vê-lo até seu retorno no fim dos tempos.

Podemos imaginar que os discípulos estavam muito felizes com os encontros com Jesus ressuscitado e podiam estar pensando que seria sempre assim até que Jesus instalasse definitivamente o Reino de Deus. Aliás, essa ideia aparece claramente em At 1 quando os discípulos perguntam se seria naquele momento que Jesus iria *“restaurar a realeza de Israel”*. Assim, o “momento” da Ascensão teria um sentido de “despedida” e de desafio para que os discípulos iniciassem sua missão evangelizadora e *“não ficassem olhando para o céu”*.

9 - O MISTÉRIO DE JESUS

9.1 - INTRODUÇÃO

DEUS

O INEFÁVEL

“É AQUELE QUE É”

TRANSCENDENTE

**SINGULAR
PERFEIÇÃO EM SI MESMO
ABSOLUTO INDIVISÍVEL**

Este é o Deus de Abraão, o Pai da nossa Fé.

Esta é a Fé monoteísta de Israel.

Esta é a nossa Fé.

Após o encontro com Jesus Ressuscitado, o mesmo Jesus de Nazaré que morrera crucificado como um homem amaldiçoado por Deus, seus discípulos passam a afirmar que este Jesus é O FILHO DE DEUS.

Em seu primeiro discurso, Pedro afirma: “A este Jesus Deus o ressuscitou, e disto nós todos somos testemunhas. Portanto, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, e é isto que vedes e ouvis.(...) Saiba, portanto, com toda a certeza, toda a casa de Israel: Deus o constituiu SENHOR E CRISTO, este Jesus a quem vós crucificastes.” (At 2,32-36)

**DO ENCONTRO COM O RESSUSCITADO NASCE A FÉ DOS DISCÍPULOS >
> DESTA FÉ NASCE A PREGAÇÃO DOS APÓSTOLOS >
> DA PREGAÇÃO NASCE A IGREJA**

Jesus, pela ressurreição, se revela como SENHOR DA GLÓRIA, NOSSO SENHOR, FILHO DE DEUS.

Assim, Paulo chama a Jesus SENHOR DA GLÓRIA. Leia 1 Cor 2, 1-8.

SENHOR DA GLÓRIA

A palavra “Senhor”, que na língua grega é “Kyrios”, é utilizada na tradução grega do Antigo Testamento para se referir a Javé – o nome impronunciável de Deus.

A palavra “Glória” é um atributo especial de Deus, representa o esplendor, o brilho, a grandeza, o poder, a santidade de Javé. Javé é o Rei da Glória (Sl 24,8). Na sua vocação, Isaías vê os serafins cantando: “Santo, santo, santo é Javé dos exércitos, a sua glória enche toda da terra.”

SENHOR DA GLÓRIA é, pois, uma expressão que se refere especificamente à grandiosidade de Deus.

Leia: 1 Cor 2,8; Rom 1,3s; Rom 10,9; Ef 1,18-22; Flp 2,6-11

Nas epístolas de Paulo, a palavra “Senhor”, referindo-se a Jesus, aparece nas seguintes expressões:

Nosso Senhor Jesus Cristo: 44 vezes

Senhor Jesus Cristo: 18 vezes

Jesus Senhor: 24 vezes

Esta palavra aparece mais do que Filho de Deus : 18 vezes

Os Apóstolos anunciaram, então, algo absolutamente inesperado e incrível: um homem, frágil, mortal, é o próprio Deus. É o Filho do Deus vivo – como afirma Pedro na confissão de fé segundo Mateus (Mt 16,16).

Para aqueles homens crentes no Deus único e verdadeiro, no Deus santo e supremo, no Deus onipotente e criador, chegar a acreditar e anunciar que um homem é, verdadeiramente, o Filho de Deus consistia numa verdadeira revolução interior, a mais violenta revolução religiosa que pode ocorrer numa fé tão radicalmente monoteísta e convicta da santidade única e inatingível de Deus. Contudo foi esse “ABSURDO” religioso que os Apóstolos anunciaram após encontrar o Cristo ressuscitado.

**MAS COMO ENTENDER ISSO?
O CRIADOR TORNAR-SE CRIATURA?
DUAS NATUREZAS INFINITAMENTE DIFERENTES PODEM SER UM
MESMO SER?**

9.2 – TENTANDO ENTENDER O MISTÉRIO

O primeiro momento da pregação apostólica consiste essencialmente em divulgar o que o acontecimento da Ressurreição revelou aos Apóstolos: “Jesus é o Filho de Deus”. Não havia nenhuma preocupação teórica específica. À medida que o cristianismo vai sendo assimilado pelos gregos e romanos, inclusive alguns intelectuais da época, surge a necessidade de assimilar este Mistério.

No evangelho segundo João, já encontramos explicitada a ideia da “encarnação”: “...*E a Palavra se fez carne...*”. Trata-se, portanto, de “entender” o que significa isso: *Deus se fazer carne*.

Surgiram, então, diferentes teorias que podem ser divididas em três grupos principais:

1º GRUPO: ACENTUA A DIVINDADE

Jesus é apenas Deus. Pela encarnação, Deus apenas utiliza a natureza humana de Jesus de Nazaré.

- ❖ Jesus só tem natureza divina, que absorve a natureza humana;
- ❖ Jesus é Deus, sua humanidade é só uma aparência;
- ❖ O Filho (a PESSOA DIVINA) substitui o espírito humano [nesta teoria o ser humano é formado por: corpo + alma + espírito];
- ❖ O Filho substitui a alma humana;
- ❖ O Filho substitui a inteligência humana.

2º GRUPO: ACENTUA A HUMANIDADE

Jesus é apenas homem. Pela ressurreição, Jesus de Nazaré é “elevado” ao estágio divino.

- ❖ Jesus é da “esfera divina”, mas é subordinado a Deus;
- ❖ Jesus é Filho Adotivo de Deus (Deus adotou Jesus no momento da Ressurreição);
- ❖ Jesus é semelhante, mas não igual a Deus;
- ❖ Jesus é a “Palavra”²⁰, que está junto de Deus, como o primeiro ser que foi criado.

3º GRUPO: EM JESUS ESTÃO DOIS SERES DISTINTOS

Em Jesus vivem juntas as duas naturezas, a natureza humana e a natureza divina, sem se misturar. A união entre a natureza humana e a natureza divina não é uma

²⁰ “Palavra” aqui se refere àquela “Palavra” que citamos do evangelho segundo João. Mais adiante meditaremos melhor sobre isso.

união que faça de Jesus um único ser. Em Jesus existem duas naturezas e duas pessoas.

O principal defensor desta teoria foi Nestório que afirmava que *Maria só é mãe do homem, do Cristo, mas não é Mãe de Deus.*

Muitas dessas teorias ainda estão presentes entre os cristãos, até de maneira inconsciente. Muitos cristãos e denominações cristãs costumam acentuar a divindade de Jesus em prejuízo de sua humanidade. Outros separam de tal maneira a divindade da humanidade em Jesus que ele se torna um ser duplo.

O MISTÉRIO cristão consiste, precisamente, nisto:

JESUS É COMPLETAMENTE DEUS E COMPLETAMENTE HOMEM

São Gregório Nazianzeno escreveu uma frase que se tornou uma orientação para a nossa fé: *“O que Deus não assumiu, também não redimiu.”*

Escreva o que você entende sobre isso:

A Redenção da humanidade só é completa se a encarnação tiver sido, também, completa.

Concílio de Nicéia (ano 325 d.C): *“Jesus é Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, nascido, não feito ...”*

Concílio de Calcedônia (ano 451) *“... um e mesmo Filho Nosso Senhor Jesus Cristo é perfeito na divindade e perfeito na humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, ..., consubstancial ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade, ..., antes dos séculos gerado do Pai, segundo a divindade, e o mesmo, nos últimos dias, gerado da Virgem Maria ... Um e o mesmo Cristo, Filho, Senhor e Unigênito deve ser confessado subsistindo em duas naturezas de forma inconfundível, imutável e inseparável...”*

9.3 – A ENCARNAÇÃO

O FILHO DE DEUS, SEGUNDA PESSOA DA SANTÍSSIMA TRINDADE, PESSOA DIVINA – O “LÓGOS” – EXISTE EM DEUS DESDE TODA A ETERNIDADE . . .

UM DIA, SE FEZ CARNE ...

Jo 1,1-17

No princípio: Jo faz uma evidente alusão ao início do livro do Gênesis: “No princípio, Deus criou o céu e a terra...”. A expressão “no princípio” indica um tempo sem data. Indica no Gênesis e em João, algo além do tempo, antes do tempo. era o Verbo: Verbo²¹ = Palavra. No texto grego é “lógos”.

LÓGOS = PALAVRA = VERBO

- ❖ No Antigo Testamento, “**palavra**” (“*dabar*”) tem uma força muito especial. A palavra revela o próprio ser de uma pessoa. A **palavra divina** tem um poder criador e transformador, que revela a Glória e a Grandeza de Deus. A **Palavra de Deus** é a **COMUNICAÇÃO CRIADORA E TRANSFORMADORA DE JAVÉ**. “*E Deus disse: Faça-se ..*”. Os profetas eram os porta-vozes da **Palavra de Deus**, que devia ser anunciada e cumprida pelo povo.
- ❖ Na mentalidade grega, “**palavra**” (“*lógos*”) indicava não só a **comunicação/linguagem** (palavra falada ou escrita), mas também **pensamento/razão**. Na filosofia grega, o “*lógos*” era a **razão maior e mais profunda do ser**.

O evangelho segundo João é escrito na Ásia Menor, num ambiente grego, para leitores de cultura²² grega. O evangelho segundo João utiliza conceitos e procura responder a questões e dúvidas que são colocadas pelas pessoas que vivem nesse ambiente.

Neste capítulo primeiro, João usa “PALAVRA” jogando com o sentido grego e com o sentido bíblico. Leia esse capítulo com calma e veja onde estão presentes as duas concepções de PALAVRA.

O Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus: O Verbo existe antes de toda criação, desde sempre. Ele “está com e é” - quer dizer que participa da divindade, sendo Deus. Como vemos, nesta frase, João ao mesmo tempo distingue (“está com”) e identifica (“é”). Em outras palavras: O Verbo é Deus (identidade), sendo Ele mesmo Verbo (distinção).

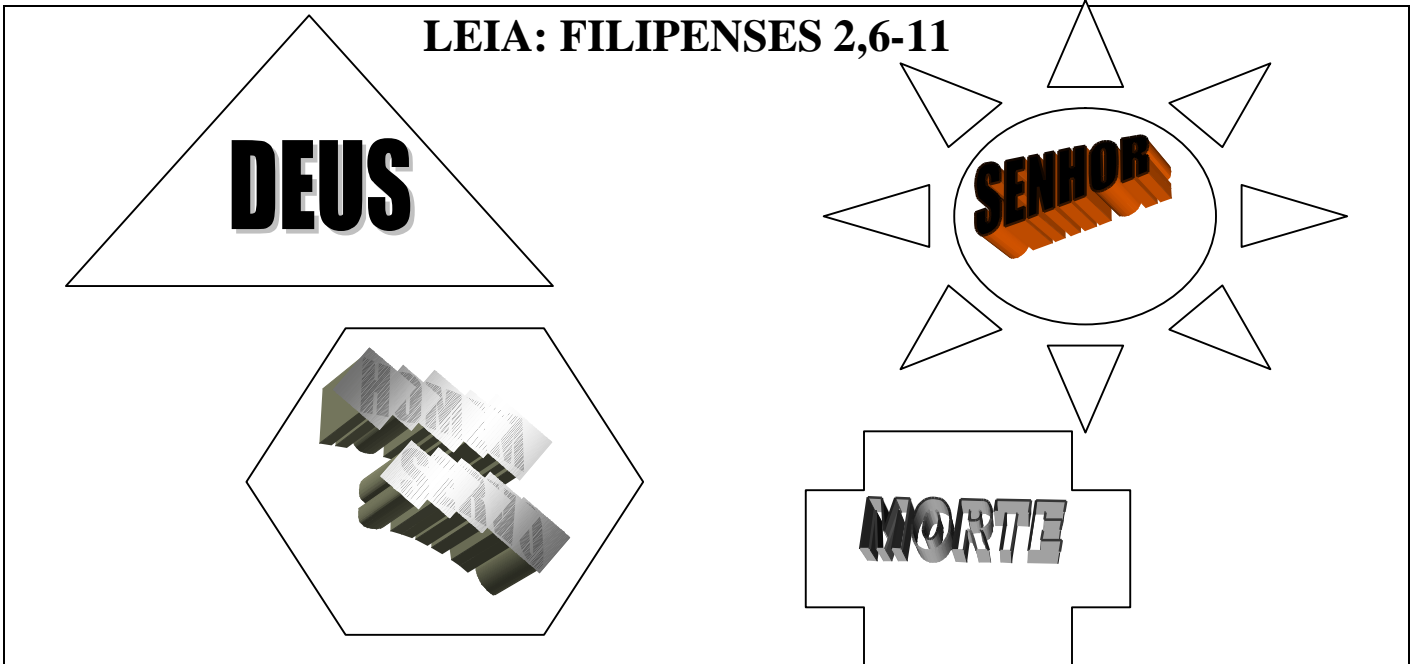
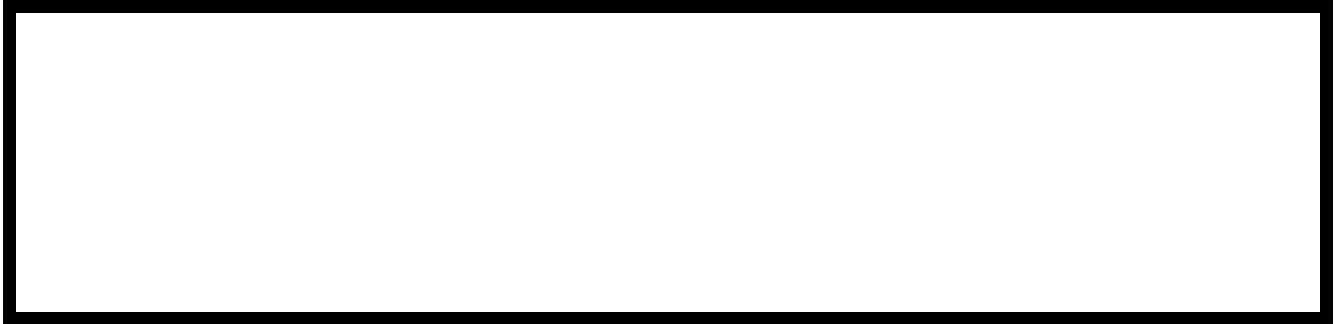
E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós: O Verbo eterno, um dia, se encarna, ou seja, Deus se faz homem e vem morar no meio dos homens.

Aqui, abordamos apenas alguns versículos deste capítulo do evangelho segundo João. Procure aprofundar cada versículo buscando entender o seu sentido teológico e cristológico.

²¹ “Verbo” – as traduções da Bíblia para o português usam *Verbo* para traduzir “*lógos*”, pois trazem este termo do latim *Verbum* que quer dizer *Palavra*.

²² Cultura significa todo o modo de ser, viver e pensar de determinado povo. Cultura indica hábitos, mentalidade, conceitos e preconceitos que um povo tem em certa época.

A Encarnação significa portanto o fato de que o Filho Eterno do Pai assume completamente a condição humana em Jesus de Nazaré.





O reconhecimento de Jesus como Filho de Deus, desvenda o Mistério da Trindade.

Jo 5,17-26; Jo 12,44-46; Jo 14,7-11; Jo 17,1-7

Jo 16,7-15; Jo 14,16.26; Jo 15,26

Jesus revela o grande segredo da intimidade de Deus:

10 - JESUS NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

DA ANTIGA PARA A NOVA ALIANÇA

DEUS chama o HOMEM/ADÃO para conviver com Ele no amor.

O HOMEM/ADÃO não quis uma relação de amor, mas quis tornar-se igual a Deus e possuir sua vida para si mesmo.

Os capítulos 2 e 3 do Gênesis, nos falam, numa linguagem simbólica/mitológica, sobre o Plano de Deus para o Homem: Deus quer que o Homem viva em paz, seja responsável pelo mundo, cuidando dele e cuidando de seu semelhante e sempre dialogando com Deus => *Adão e Eva no Jardim, conversando com Deus*. Entretanto, a humanidade, fechada sobre si mesma, quer tornar-se sua própria deusa, cada homem quer ser superior aos outros, e possuir sua vida só para si mesmo => *o fruto da árvore da ciência do bem e do mal e a torre de babel*

O HOMEM/ADÃO, FECHADO EM SI MESMO, DIZ NÃO A DEUS.

A palavra Adão (= “Adam”, em hebraico, significa “homem”, “ser humano”). Daí a expressão “filho do homem” (“ben adam”) significar, geralmente, “ser humano”, “espécie humana”.

Não sendo a humanidade capaz de entender o Plano de Deus – o projeto de amor que Deus pretendia para ela – Deus vem se manifestar à humanidade, realizando uma aliança com o homem.

A Bíblia é a reflexão escrita dessa história da relação entre Deus e o homem. Podemos dizer que a Bíblia é a história da Aliança entre Deus e o homem. Por isso, dividimos a Bíblia entre Antiga Aliança e Nova Aliança.

ALIANÇA OU TESTAMENTO

Nossas Bíblias usam a palavra Testamento, em lugar da palavra Aliança. Isto aconteceu porque a palavra grega “*diathéke*” podia significar tanto Aliança, quanto Testamento. A diferença entre elas:

Aliança: um compromisso bilateral, supõe a aceitação prévia das duas pessoas.

Testamento: uma doação unilateral, embora o testador possa impor condições para o beneficiário.

Na Bíblia, vemos as duas ideias presentes, tanto do compromisso bilateral, quanto da doação unilateral de Deus.

Toda Aliança possui três características fundamentais:

1. **Promessa divina:** o que Deus promete conceder a seu eleito.
2. **Compromisso do homem:** o que deve o homem fazer
3. **Sinal:** um fenômeno, um gesto ou um rito que servirá de sinal para recordar ao homem a Aliança que ele realizou com Deus.

10.1 - A ANTIGA ALIANÇA

O Antigo Testamento é atravessado pela ideia da aliança entre Deus e o homem. A Aliança central é a realizada no monte Sinai, com Moisés. Podemos dizer, entretanto, que

a própria criação deve ser lida à luz da ideia de aliança. Veremos, também, em várias ocasiões relatos da renovação da aliança entre Deus e seu povo. A própria celebração da Páscoa era uma renovação da aliança entre Deus e o povo eleito.

Vamos, aqui, recordar três Alianças típicas do Antigo Testamento, que são marcos preparatórios para a Nova Aliança realizada em Jesus Cristo.

1. Gen 9 – ALIANÇA UNIVERSAL: ALIANÇA DA VIDA

É a aliança realizada através de Noé, que representa a humanidade toda. Elementos centrais:

Promessa divina: *“Não destruirei a vida ...”*

Compromisso do homem: *“Não matar ...”*

Sinal: *Arco-íris*

2. Gen 15; 17 – ALIANÇA DA ELEIÇÃO

É a aliança realizada através de Abraão. Esta é a aliança que dá origem ao Povo de Deus, como sinal de salvação para todas as nações. Elementos centrais:

Promessa divina: *“Serás pai de nações...”*

Compromisso do homem: *“Observarás minha aliança...”*

Sinal: *Circuncisão*

3. Ex 19-25 – ALIANÇA DA LIBERTAÇÃO

Aliança realizada através do Moisés, no Sinai, com a presença de todo o povo saído do Egito. Quando o povo e os profetas falavam da Aliança, era a essa Aliança que se referiam. Reparemos que, nessa Aliança, Deus se revela, imediatamente antes de pronunciar sua Lei, como *“Javé, teu Deus, que te fez sair (...) da casa da servidão”* (Ex 20,1), quer dizer: como um Deus libertador. Notemos, também, que aqui a Aliança não é feita por um homem representando os outros, mas Moisés é, apenas, um mediador – o povo deve ele mesmo assumir o compromisso. Essa aliança implica, também, um compromisso mais completo do povo. Enquanto nas outras alianças as exigências eram mais simples, aqui se exige uma vida de santidade. Elementos centrais:

Promessa divina: *“sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa”* (Ex 19,6).

Compromisso do homem: *“Observaremos todas as palavras ditas por Javé”* (Ex 24,3).

Sinal: *A Arca da Aliança* – a Arca, transportada durante toda a caminhada do povo, simbolizando a presença de Deus no meio do povo – será, ficando guardada dentro de uma Tenda, o Santuário de Deus no deserto (mais tarde será substituído pelo Templo). A Arca devia transportar as Tábuas do Testemunho – as pedras com os mandamentos. (Ex 25,1-22: Instrução para construção da Tenda e da Arca; Ex 40,34: Deus toma posse da Tenda)

TODA ALIANÇA É SELADA COM SACRIFÍCIO

Além dessas características fundamentais das Alianças, a realização da Aliança sempre tem uma celebração que a torna efetiva. O ritual central dessa celebração é a realização de um SACRIFÍCIO – sempre um sacrifício sangrento, ou seja, um holocausto. Vejamos, como ocorreu em cada uma:

1. ALIANÇA UNIVERSAL: o sacrifício é oferecido tão logo Noé desce da arca.
2. ALIANÇA DA ELEIÇÃO: em Gn 15 (de tradição javista), Abraão deve dividir animais ao meio (era costume entre os nômades daquela região fazer isso como prova de que sua palavra não seria quebrada). Em Gn 17, o sangue derramado é o da circuncisão realizada em todos os homens do clã de Abraão.
3. ALIANÇA DA LIBERTAÇÃO: Moisés constrói um altar com doze estelas (uma para cada tribo). *“enviou alguns jovens dos filhos de Israel e ofereceram os seus holocaustos e imolaram a Javé novilhos como **sacrifícios de comunhão**”* (Ex 24,5). No final do ritual, Moisés asperge o povo e diz: **“Este é o sangue da Aliança que Javé fez convosco...”** (Ex 24,8).

O SENTIDO DA ANTIGA ALIANÇA NO NOVO TESTAMENTO

Israel vivia na consciência de sua Aliança com Javé. Essa consciência era o centro de sua existência como povo, como nação, como sociedade. A perda da autonomia política, da liberdade, era vista como consequência de sua quebra da Aliança. Isso era o pecado para Israel: quebrar a Aliança com Deus.

No Novo Testamento, a Antiga Aliança era vista como **imagem** da Nova Aliança, realizada em Jesus.

São Paulo: Gl 4,21-31 – a antiga aliança é a da escravidão, a nova é a da liberdade.

Hebreus: Hb 12,18-24 – a nova aliança é que nos aproxima da Jerusalém celeste.

10.2 - A NOVA ALIANÇA

Na última ceia, ao celebrar com os discípulos a Páscoa, Jesus deixou claro que estava sendo realizada uma nova aliança, uma aliança que seria eterna.

Lemos esta cena em: 1 Cor 11,23-26; Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,14-20.

O evangelho segundo João não relata a instituição da Eucaristia, mas inicia a última ceia com o lava-pés e faz uma longa reflexão sobre o sentido da morte de Jesus.

EM JESUS ACONTECE A NOVA ALIANÇA. SUAS CARACTERÍSTICAS:

Promessa divina: Vida eterna.

Compromisso do homem: Fidelidade a Jesus

Sinal: A Ceia

O sacrifício é o dom da vida do próprio Jesus. A Nova Aliança é selada pela morte de Jesus, morte voluntária, assumida, que revela o amor de Deus pelos homens.

Ler: Rm 5,5-11; Jo 3,16; Jo 14,30; 1 Jo 13,16; Ef 5,2.25s; Gl 2,20.

A MORTE DE JESUS É CONSEQUÊNCIA DE SEU SIM

<p>RADICAL INCONDICIONAL DEFINITIVO A DEUS</p>
--

<p>A REDEMÇÃO ESTÁ NO SIM DE JESUS ATÉ A MORTE.</p>
--

<p>Lc 20,9-15</p>

Vejamos a reflexão que desenvolve Alfonso Garcia Rubio:

“O sofrimento, considerado em si mesmo, não é salvador. A cruz, sozinha, nada tem de salvadora.. A cruz pela cruz não passa de uma maldição. Salvadora é a vida toda de Jesus. E a razão é simples: a vida de Jesus constitui a superação do pecado, da situação de não salvação. (.....) A cruz passou a ser salvadora por causa da vida de Jesus. A cruz é salvadora porque constitui o resumo e a radicalização máxima da entrega de Jesus vivida durante toda a sua vida.”²³

JESUS É O NOVO ADÃO

NÃO SE FECHA EM SI
DOA-SE A DEUS E AOS OUTROS
NÃO SE APEGA A SUA VIDA
ENTREGA SUA VIDA **NAS MÃOS DE DEUS**

EM JESUS A HUMANIDADE FOI CRIADA DE NOVO

SOMOS NOVA CRIATURA
1 Cor 15,45-49; Ef 4,20-24; 2 Cor 5,17-21;
Rom 5,12-21

10.3 – A REDENÇÃO

A palavra “redenção” significa, comumente, libertação de um escravo mediante o pagamento de seu preço.

NO ANTIGO TESTAMENTO

A palavra *redenção* é usada com duas características: LIBERTAÇÃO e AQUISIÇÃO. Desse modo, quando Deus redime o povo de Israel, Ele está libertando o povo e, ao mesmo tempo, o povo passa a pertencer a Deus.

Havia no AT a figura do “go’el” (= redentor) que era um membro do clã responsável por vingar o sangue derramado ou resgatar os membros escravizados

Vejamos: Ex 6,6s; 2 Sm 7,23s; Is 63,8s.

NO NOVO TESTAMENTO

Redenção é também libertação e aquisição: 1 Cor 6, 19s; 1 Cor 7,23s; 1 Pd 1,18-20

Ef 1,3-14

Redenção no Calvário: Rm 3,21-26.

Redenção na Parusia: Lc 21,28; Rm 8,23.

A REDENÇÃO É UM ATO DE AMOR DO PAI

²³ Garcia Rubio, Alfonso. O encontro com Jesus Cristo vivo. São Paulo : Paulinas. 1994. 4ª
Jorge Solano